

Luís Carlos Luciano

# DOURADICES

Seriema Indústria Gráfica e Editora Ltda-EPP

Dourados, MS

1ª Edição

2016

Copyright © 2016 by Luís Carlos Luciano

É proibida qualquer reprodução parcial ou integral desta obra,  
sem prévia autorização.

Projeto gráfico, editoração e impressão:  
Seriema Indústria Gráfica e Editora Ltda-EPP  
e-mail: graficaseriema@graficaseriema.com.br

Foto: Marcos Ribeiro

Arte da capa: Jorge Silva

Revisão: o autor

Diagramação: Emerson Silva

Ficha Catalográfica elaborada pelo autor

L937d	<p>Luciano, Luís Carlos. Douradices / Luís Carlos Luciano. Dourados, MS : L.C. Luciano, 2016. 144 p.</p> <p>ISBN 978-85-908270-4-7</p> <ol style="list-style-type: none"><li>1. Crônicas douradenses.</li><li>2. Literatura sul-mato-grossense</li></ol> <p>I - Título</p> <p>CDD: B869 CDU: 82-9</p>
-------	---

**Nota do autor:** As crônicas, publicadas simultaneamente nos jornais *O Progresso*, *Diário MS*, *folha de dourados* e site *douradosnews* foram editadas para esta edição.

# Sumário

Apresentação.....	5 e 6
A dentadura no puchero.....	9
Um bosquejo pra Odila.....	11 a 14
Zica.....	15 e 16
Júlio Marques.....	17 e 18
O touro, o besouro, a força da gravidade, o adoçante.....	19 e 20
Como Adão no Paraíso.....	21 a 23
Jabá Fest: chupa essa manga! (antes do evento).....	25 e 26
Jabá Fest: chupa essa manga! (depois do evento).....	27 e 28
Tchau beijoqueira.....	29 e 30
Teve até arroz de corda!.....	31 e 32
O carrapato.....	33 e 34
Haurir.....	35 a 37
A tolerância zero do seu Antônio.....	39 e 40
Mad Mariazinha.....	41 e 42
A dona Maria.....	43 e 44
Dias de angústia.....	45 e 46
O camelo, a agulha e o Reino.....	47 e 48
A igreja do pastor Paulo.....	49 e 51
A nossa Maria Bolacha.....	53 e 54
Mineiro forte.....	55 e 56
Cobertor de orelha.....	57 e 58
O seu Oliveira.....	59 e 60
O homem que tacava pedras na rua.....	61 e 62
Vontade de escrever.....	63 e 64
Sal grosso no assédio moral.....	65 a 67
Não ignore o olhar do peixe morto.....	69 e 70
Os jardins estão mais tristes.....	71 a 73
<b>Parte 2 – Fuscachambó</b>	
O borracheiro sem-vergonha.....	77 e 78

O jogo contra o time do cantor Daniel .....	79
Ventania política.....	81 e 82
Ventania política2.....	83 e 84
Gasolina cara pra chuchu .....	85 e 86
Autobot .....	87 e 88
Taxistas versus moto-táxi .....	89
São Cristóvão .....	91 e 92
Cenas do cotidiano .....	93 e 94
Dirigibilidade .....	95
Os buracos.....	97
Papai Noel .....	99
Transição.....	101
O frio .....	103
Candidato .....	105
A exposição .....	107
<b>Parte 3 – Teatro</b>	
O ervateiro e o anta.....	111 a 124

# Apresentação

É sempre uma grande honra ser convidado para apresentar um livro. Mais ainda quando se trata de obra de um amigo, escritor e jornalista como é o Luís Carlos Luciano. Além de renomado nome, que desde cedo optou pela nossa cidade de Dourados como berço natal, portanto, um douradense legítimo que construiu grandiosa história na vida cultural da cidade, também já produziu consideráveis títulos em prosa literária, dramaturgia, textos autobiográficos, memorialistas, entre outros. Destaquem-se, com entusiasmo e louvor, tanto o fato de ser membro confrade na Academia Douradense de Letras como a autoria de *Tereré, poeira e outras raízes douradenses* (2015), livro que congrega particular propósito e afinidade com este que agora tenho a satisfação de apresentar.

Hoje, ao selecionar textos de natureza e origem diversas, e reunindo-os sob o rótulo desta coletânea, intitulada *Douradices*, o escritor volta a oferecer ao seu público leitor mais uma representativa parcela de sua produção literária, num trabalho que se organiza a partir de três eixos narrativos: (i) Crônicas, (ii) Fuscachambó, (iii) O ervateiro e o anta. Nesses textos, o vate poético procura especialmente através do gênero crônica – bem afeito ao cotidiano e à profissão do jornalismo, que Luís Carlos exerce com perseverança e domínio – um relato tão consentido e direto como se colhido nas próprias ruas, nas conversas interessantes, porém nem sempre colhidas, das pessoas simples, nas horas simples e em meio a acontecimentos mais despretensiosos ainda.

Aqui, em *Douradices*, o olhar do escritor cronista incide como uma lupa, como se em efeito *zoom*, difratando aspectos recorrentes em um cotidiano, que, não tão somente banalizado, reergue-se sob a ótica de reconstrução do autor, preenchendo

um vazio enorme em nossa narrativa cronística, e daí também na efabulação da nossa história recente, do cotidiano e da oralidade *grosso modo*. Aliás, este terá de ser um dos aspectos mais notáveis nesta coletânea: a premência e original vocalização da oralidade enquanto efeito e resultado da proposta do livro como um todo. Ou seja, um dos artifícios mais vivos da narrativa contemporânea erige-se, ainda aqui e enquanto dicção do narrador, como forma testemunhal e transmutação da voz autoral, das vivências do ato enunciativo, em lugares tão diversificados, diferentes e originais como sendo o próprio Luís Carlos Luciano a relatar narrando sua peculiar história de cronista da vida cotidiana. Em tudo e por tudo, esta obra, refletindo um gesto de experiência e de intimidade do autor, constitui mais um convite à leitura e à celebração da produção literária em nossa cidade, em vivaz sintonia com a atividade do escritor douradense e o espaço da Academia de Letras em Dourados.

Paulo Nolasco dos Santos  
Professor Doutor; Titular de Literatura na UFGD  
Membro da Academia Douradense de Letras e da  
Academia Sul-Mato-Grossense de Letras

# CRÔNICAS



# A dentadura no puchero

Os pucheros eram servidos à vontade nas reuniões políticas até a Justiça Eleitoral proibi-los.

O rega-bofe atraia a vizinhança e, por tabela, votos.

Após os discursos todos se fartavam com a sopa.

O ex-deputado Djalma Barros tinha um coordenador só para cuidar dos pucheros.

Era o seu João.

Certo dia ele encontra o seu João com a cara feia.

- Qual foi o problema? Tá faltando algo?

- O Carica, seu Djalma. Embededou-se e quando falava e mexia o puchero derrubou a dentadura dentro do caldeirão!

Que sujeito desastrado!

Não dava tempo para fazer outro porque já estava quase noite e eram 100 litros...

Djalma nem deu importância.

- Deixa estar seu João. Ninguém precisa saber. Fica só entre nós...

Na hora do bem-bom eis um eleitor sugando gostoso um ossinho que mais parecia um pedaço de dentadura...

Djalma viu e deu uma bela gargalhada que ninguém entendeu...



# Um bosquejo pra Odila

Retribuindo à poetisa Odila Lange homenagem dirigida à minha pessoa entre outros jornalistas na noite do dia 7 de abril de 2005, na Câmara, me senti atentado a entrar na “praia” dela.

Bosquejei alguns versos para ver se, no mínimo, chego às canelas dessa pessoa que muito nos honra, autora de trabalhos bonitos com seu inegável talento, jeito gaúcho e forte de ver as coisas.

Naquele dia não estive na Câmara, mas logo que soube do feito e da minha caricatura na forma de uma máscara – agradeço o desenhista Amarildo Leite pelos bojudos traços – procurei-a.

Ela tampou o rosto com a máscara e leu este verso:

*Como escritor preparado  
Eu vou dando o meu recado  
Com seriedade e lisura.  
Não fico só nas manchetes  
Pois não gosto de confete  
E apesar da vida dura  
Como meus livros de memória!  
Eu vou ficar na história  
Pois meu forte é literatura!*

Gratidão se paga com gratidão.  
Então escrevi isto:

*Para um bom pagador  
Apenas agradecer  
Pode não ter o mesmo sabor  
Por isso mesmo eu entendo  
Palavra de carinho e afeto*

*Se paga com o mesmo acendedor  
Razão de meu bilbode  
É acender ainda mais o seu calor!*

*Quando você na homenagem aos jornalistas  
Lembrou-se com ardor e pendor  
Deste humilde refém das palavras  
Entre outros destacados  
Eu logo fiquei pensando  
Como Deus faz gente de muito amor  
Que reconhece os artistas  
E dão a eles devido valor!*

*Feliz de um burgo  
Cujos talentos  
Brotam como uma flor!  
Pois, o que seria da nossa Dourados  
Sem os trovadores, poetas e artistas  
Que cantam versos  
Como passarinhos que não se calam  
Mesmo estando à frente do atirador!*

*Pois você Odila Lange  
É uma heroína e feminista inquieta  
Cuja academia enriquece  
Com o seu talento encorajador  
Não tenho o mesmo dom  
Como tu fazes com os seus versos  
Sou apenas um admirador  
De sua pena que se veste de trovador!*

*Arrisco aqui uns poucos versos  
Porque eu senti que nem todos  
Na solene homenagem  
Retribuíram-na com o mesmo pendor!*

*Pelo menos aqui faço  
A minha singela e sincera peça  
Que talvez um dia  
Chegue aos pés do seu valor!*

*Obrigado mais uma vez  
Professora, poetisa, incentivadora  
Que reconhece a menor fagulha  
Que se acende literariamente  
Na vinha da ansiedade  
Procurando contribuir  
Com desejos, sonhos e deleites  
Aqueles que esbanjam amor no lugar do dissabor!*

*Seja como memorialista, jornalista ou cronista  
E agora quem sabe um novo versista  
A verdade é que um elogio ajuda  
A levar adiante essa vontade  
De sempre coçar o verbo  
Assim como tem feito  
A poetisa Odila Lange  
Desenhando trovas com muito amor!*

Depois disso ainda tive outra grata surpresa:

Refutação a Luís Carlos  
Por Odila Schwingel Lange

*Fiquei muito emocionada  
E aproveitei o ensejo  
Para ir ao dicionário  
Para entender teu “bosquejo”!  
Que continues sempre brilhando  
É tudo que eu desejo!  
Alguns amigos me alertarem*

*Sobre este fato inusitado,  
Quando um amigo querido,  
Compunha versos rimados.  
Dizendo ser iniciante  
Mas com o punho já calejado!  
O agrado deixou-me tonta,  
Pois, com palavras de carinho,  
Alçando este grande voo  
Como experiente passarinho  
Já mostras tenacidade  
Para seguir teu caminho!  
Seja bem-vindo camarada  
À seara da poesia  
Vamos arar grandes campos  
Com beleza e harmonia,  
Espalhando nossos versos  
Com a força da ventania!  
Ser poeta neste mundo  
Onde impera o consumismo,  
É padecer na aurora,  
Sem ligar para o ostracismo,  
É rir da própria desdita,  
Mas não perder o otimismo.  
Eu te desejo, meu amigo  
Muito sucesso e persistência.  
Fazer versos é burilar a alma,  
Com sabedoria e paciência,  
Pois, um artífice da palavra  
Transforma o hobby em ciência!  
De todo meu coração,  
Mais uma vez agradeço,  
Com o teu elixir poético,  
Muito mais rejuvenesço,  
Deixando um forte abraço,  
Meus versos aqui feneço!*

# Zica

Na festa dos jornalistas em plena 2ª feira à noite perguntei a um colega:

- Você sabe o que é zica?

Ele olha ironicamente para o cidadão ao lado que tem esse apelido.

- Olha a origem aí! – e cai na gargalhada...

Ninguém gosta de apelido jocoso e ultrajante.

Não havia ali quem soubesse ao certo a procedência porque o *smartphone* não existia, mas concordavam ser algo chato.

Chato é apelido. É algo mais.

O apelido teria surgido na antiga Caneca, *point* dos anos 80, ou então na Pizzaria do Paulão, no Pão de Ouro do seu Beto, no Burino Bar, no Galo Fino, enfim, onde bebida e zoadas se abraçavam e sempre tinha gente brincando com o brio alheio.

Aqui os jornalistas já conseguiram encher hipoteticamente um ônibus só de chatos com galochas com destino a Chatolândia!

Puxaram um filme daqueles ambientes glamourosos com o próprio zica viajando na maionese até chegarem a um publicitário que havia passado pela *TV Morena* e *Jornal da Praça*.

Pessoa criativa e rápida na resposta teria unguido o dito cujo e a coisa pegou.

Pudera.

O jeitão único de ser algum dia renderia algo do tipo, pois, quem tem o dom de tirar fotos com música e sinos imaginários?

Pois ele tem...

A imagem sai quase falando, desesperadamente ou não.

Além disso, o zica fala e acena com maestria.

Seus gestos com as mãos são a arte mais pura da

comunicação ambígua.

Ele chama o amigo de “minhoqueiro” só porque vivia cavando matéria.

Mas o zica retrucou:

- Zica é quem fala que o outro é zica! Isso vem lá de longe...

Nisso ele pode estar coberto de razão.

Revisando a questão não encontrei essa palavra no *Aurélio*, mas numa rápida pesquisa no Google<sup>1</sup> consta ser uma gíria cujo significado varia de acordo com a região e vai da urucubaca ao sujeito melhor da roda, mas as postagens são a partir de 2009 e o nosso amigo é do ano de Marcelino Pires, ou seja, de muito tempo atrás.

Tem zica brava, zica da balada, zica do baile, zica do pântano, zica do role, zica memo, zicada, zicado, zicando, zicar, zica vírus e, pasmem, o zica douradense!

A notoriedade talvez tenha atingido o ápice naquelas rodas formadas à sombra do pé de manga da Câmara Municipal em meados dos anos 90.

---

1 Disponível em: <<http://www.dicionarioinformal.com.br/zica/>>. Acesso em 16 jun 2016.

# Júlio Marques

Em *Relíquias de Casa Velha*, Machado de Assis nos ensina a remexer os porões da memória. Os colegas da imprensa querem reativar o prêmio para a melhor produção jornalística – patrocinado pela prefeitura, o prêmio está esquecido há pelo menos seis anos.

A aracanga (ou arara-vermelha) foi solta da gaiola.

Quem empresta agora o nome é o ariano Júlio Marques de Almeida. Ele também é nome de rua no Parque Alvorada.

Eu jamais poderia imaginar que um dia escreveria, com certa pieguice, sobre o Julinho; ele acreditou em mim lá no início dos anos 80.

Saudades desse camarada.

Vivo hoje talvez tivesse virado prefeito, deputado, empresário ou continuaria sendo apenas mais um boêmio que todos gostavam de conversar.

Tinha carisma.

Às vezes eu acho que as pessoas com alegria abundante são invejadas pelos deuses e como o melhor cacho da vinha, Baco logo se apossa.

Ele deve ter visto o Juarez Fiel Alves, no *remember*, desfilando a careca pela varanda do Valfrido Silva.

A lembrança mostra como nossa lembrança é curta.

Não há nenhuma biografia sobre ele, assim como de outros que já se foram. A imagem fica na recordação dos poucos que ainda conseguem ter um pouco de memória. A distância do tempo é uma linha imaginária angustiante e Julinho é convidado, na forma de uma homenagem, para ajudar a gente a recompô-la.

Sou suspeito para falar sobre essa pessoa. Pelas mãos dele consegui o primeiro emprego decente na minha vida, na então

assessoria de imprensa da prefeitura de Dourados, isso em 1981, e me iniciei no caminho do jornalismo e das letras. Ele aprovou a minha datilografia e do dedilhar ao pensar é outra história.

Julinho teve um jornal de vida efêmera, *A Notícia*, na década de 70, em Dourados. Deveriam fazer um concurso para quem conseguisse um exemplar. No final da década de 70 passou a ser assessor do prefeito José Elias Moreira.

As festas naquela época eram regadas. O fígado era mais novo.

Ele era uma espécie de “puxa-roda”, boa prosa, professor, daquelas pessoas cujo sorriso se traduz em confiança. Não tinha inimizades até ser “atropelado” por um caminhão na estrada para Campo Grande, em circunstâncias onde ele foi vítima de tremenda imprudência.

Aos 31 anos, solteiro, virou aquele corpo engomado em uma caixa de madeira, o guarda-roupa de todos os mortais.

Morreu no dia 7 de maio de 1986 como diretor da *TV Caiuás* viajando para uma reunião de diretoria da *Rede Bandeirantes*. Foi embora no auge da carreira, no esplendor da vida e no período mais produtivo.

Seu pai, Albano José de Almeida, o “Português”, foi diretor de redação de *O Progresso* sei lá em qual ano.

Pai e filho estão esquecidos na memória da imprensa local e talvez um prêmio de esmero seja pouco. Resgatar a memória desses personagens é enxergar, um pouco mais a fundo, a história da expressão e da palavra na terra de Marcelino Pires, Nelson de Araújo, Armando Carmelo e de tantos outros pioneiros, inclusive de nós mesmos...

# O touro, o besouro, a força da gravidade, o adoçante...

Durante um comício no Protreirito, em 1976, um dos candidatos a vereador tinha o apelido de touro.

O advogado Harrison de Figueiredo era o locutor e ao anunciá-lo disse em alto e bom som pensando que estaria agradando:

- Agora, com vocês, o tooouro de Vila São Pedro!

A intenção foi realçar a figura forte de Perciliano Cavalheiro.

Alguns aproveitaram a deixa e começaram a mugir:

- Muuuuuuuuuuu... Muuuuuuuuu... – imitando algo assim.

O candidato não gostou.

Começou chamando a atenção do locutor dizendo que ele tinha que ser mais responsável na apresentação...

O mugido aumentou...

Partiu pra cima do público:

- E vocês deveriam ter mais educação. Será que o pai de vocês não dá educação não heim?

E dê-lhe =%\$@#++&\*%))((...

O candidato deu aquela bronca em todo mundo.

Resultado: quase não teve votos ali.

Antigamente os caminhões eram usados como palanque e na periferia não existia iluminação pública. Iluminava-se o ambiente com um motor estacionário e a lâmpada ficava rodeada de insetos.

Na campanha de 1982 um candidato falava com eloquência quando um besouro entrou na boca dele!

O sujeito engasgou, engoliu seco e saiu tossindo no meio do discurso...

O locutor acudiu anunciando o próximo enquanto os

demais davam tapas nas costas do homem...

O indivíduo foi nocauteado por um besouro *kamikase* e já teve gente achando que aquilo era obra dos adversários...

O fato é que ele comeu na marra o bicho.

Outra vez, no final dos anos 70 ou início dos anos 80, um vereador da zona rural estava com o prefeito vistoriando a obra de uma ponte quando o engenheiro alertou que da forma como eles queriam o serviço não daria por causa da lei da gravidade.

Esse vereador não pensou duas vezes:

- Prefeito, mas nós temos maioria na Câmara! Vamos derrubar essa lei!

Outro vereador da mesma época acompanhava o prefeito numa viagem de trabalho a Brasília. Nunca tinha posto os pés em BSB e nem visto elevadores.

Não sabia como funcionava.

Um colega, para zombar, explicou que era só bater palmas.

Lá vai o pobre caipira bater palmas em frente da porta do elevador...

Um terceiro, naqueles cafés refinados dos hotéis achando-se esperto resolveu imitar uma pessoa que pôs café na xícara e usou adoçante.

Essa pessoa viu e perguntou:

- O senhor também é diabético?

- Não! Sou vereador lá em Dourados...

Em junho de 2015 a Presidenta Dilma virou piada na internet porque saudou a mandioca, mas aqui em Dourados, no começo dos anos 90, o vereador Azola fez uma coisa hilária: em defesa da cultura surtou e passou a descascar uma mandioca em plena tribuna com os próprios dentes! Arre!

Teve outro, presidente, que saía de fininho por uma porta dos fundos da Câmara que dava acesso a outra rua para fugir das visitas indesejáveis e, em 2010, a chapa esquentou de verdade quando oito dos doze vereadores foram presos pela PF como parte da Operação Uragano...

# Como Adão no Paraíso<sup>2</sup>

Acho que foi mais ou menos assim que eu me senti quando cheguei a Dourados no final de 1979 para prestar o vestibular de Agronomia e aqui tentar uma nova vida. Todo cheio de graça, na vitalidade dos 18 anos, naquela idade de muito calor e energia para enfrentar as adversidades, esbanjando saúde...

Depois de beber a água do Rio Dourado e comer a poeira local acho que senti o gosto de um futuro.

O eu douradense se deu por esse caminho... Um rapaz que ainda sequer tinha ajustado o foco direito, sonhando que as pessoas são sempre boas e dispostas a ajudar, que a vida se encarregaria de tornar as coisas mais fáceis na medida em que você semeia virtudes, misericórdia, honestidade e fidelidade...

Inocente, ainda acreditava em Papai Noel!

Eu sou muito grato a esta terra porque aqui me encontrei profissionalmente, constitui família e fiz amigos de montão apesar de ter apanhado bastante no começo. Mas um início amargo ajudou a dignificar a pena assim como o ferreiro batendo forte o ferro em brasa para forjar a espada...

Vitaminas amargas me fortaleceram bastante. Um teimoso não desiste tão facilmente dos seus ideais. Confúcio teria dito: Se não pode mudar os ventos regule então as velas!

Mas não posso negar que tive igualmente muitos momentos doces e divertidos.

Dourados é o lugar onde morei por mais tempo e aqui, graças a Deus, finquei raízes na terra fértil e generosa.

Não se trata de exibição, mas é bem verdade que todo

---

<sup>2</sup> Escrito a convite do Jornal *O Progresso* e publicado na edição especial de aniversário da cidade de 20 de dezembro de 2014.

pavão precisa ao menos vez ou outra mostrar suas penas. Senão ele não é visto.

Eu morava antes em Ourinhos (SP) e lá naquela época a oferta de emprego para jovens era pequena. Já vim formado Técnico em Agropecuária, profissão que pouco exerci. Aqui havia maior oferta.

Como não passei no vestibular acabei tendo que buscar algo para me sustentar. Trabalhei na escola Silva Melo; com o Valdir Perusso quando montou a Central Veterinária; com aviação agrícola do comendador Teruel e algum tempo na Fazenda Itamarati do rei da soja Olacyr de Moraes.

Morei no pensionato da dona Ramona e ali numa bela noite conheci o Lucimar Couto, dono hoje do *campograndenews* que casualmente me ouviu dizer que estava procurando emprego e tinha certa qualificação como uma boa datilografia. Disse-me para procurar o Julinho Marques que precisava de um datilógrafo na assessoria de imprensa da Prefeitura.

O Julinho me contratou na hora após ver o estardalhaço na máquina elétrica. Era para passar a limpo os textos feitos pela redação. Ali tive o meu primeiro contato com o jornalismo, sim, porque ler jornais não conta.

Eu simplesmente fiquei deslumbrado com o ambiente e ali estava traçado ou selado, quem sabe, a minha sina.

Aquela sementinha adormecida desabrochou levantando o pescoço e clamando por vida, Sol, ar e chuva! Mas tudo ia depender do próprio esforço, da disciplina, dedicação, capacidade, estudo e resistência para atravessar a nado o Rio Dourado e conviver sem sangrar muito com as hostilidades.

Cito Dourados no sentido de mostrar como sou grato a esta cidade, mas é lógico que jamais vou me esquecer daqueles amigos que me ajudaram e outros nem tanto que me empurraram para trás para que a minha vida jamais fosse uma zona de conforto...

São as pessoas que fazem uma cidade, se bem que aqui se deve considerar o solo fértil, o clima favorável e outros recursos

naturais além das circunstâncias históricas e políticas que levaram Dourados para frente.

Logo entrei em *O Progresso* para ajudar o Vander Verão nos finais de tarde – aliás, mais aprender porque um sujeito sem texto quase nada ajuda no fechamento do jornal... Mas o Vandão teve paciência, me mostrou muita coisa e a partir dali conheci outros jornalistas e aprendia, aprendia rápido até por uma questão de sobrevivência no meio porque esse não é ambiente para fracos e indecisos.

Mais tarde conclui Letras com Ênfase em Jornalismo na Unigran e uma pós em Teoria da Literatura e Literaturas de Língua Portuguesa na UFMS.

E a cidade de Dourados se tornando em outra perspectiva o meu palco de representação, a minha energia, o meu fazer jornalístico, literário, familiar e de conagração com os amigos e de atitude política no meio sindical.

Sou testemunha ocular de 1979 para cá e, obviamente, já me esqueci de muita coisa. Mas vivo fuçando arquivos atrás da história desta cidade e é fácil perceber a transformação para melhor. Se hoje ainda se precisa melhorar muita coisa, como sempre precisa é bom se olhar no retrovisor e notar que antes era bem pior.

Assim como eu certamente muitos outros construíram uma vida aqui e sejam igualmente agradecidos ou não.

Bom, aquela fase do Adão no Paraíso passou, depois veio a Eva, a serpente e aí já começa outra história...

Cada morador, douradense ou não da gema, certamente tem sua versão, sua adaptação, sua paixão, seus prós e contras, sua história para contar.

Pensando bem eu acho que cometi um engano: continuo morando no Paraíso e às vezes nem me dou conta disso porque aqui eu me sinto bem e fantasiado em estado de graça...



# Jabá Fest: chupa essa manga! (antes do evento)

A alquimia do riso tende a atingir o clímax em Dourados no dia 23 de setembro de 2006 com o tão esperado e propalado Jabá Fest 4, um CD maluco que une artistas, jabá de verdade e uma vontade incontida de tirar o sarro de tudo e de todos...

É a versão local do stand-up ou do Casseta & Planeta.

O César<sup>3</sup> me provocou a escrever antes do acontecido, coisa não habitual, pois, já basta a pisada na jaca do repórter local que fez o texto antes do desfile de Sete de Setembro e no dia do evento caiu um temporal e tudo foi cancelado enquanto a notícia corria solta no jornal...

Mas, vamos lá.

A despedida do então governador Zeca do PT entra para a história da gozação e da sátira como um feito incomum em nível regional. O jabá, nessa versão, é mistura douradense que nunca tinha sido feita uns por medo, outros por vergonha ou comprometimento, mas os autores viraram a coisa do avesso e estão fazendo sucesso.

Em vez de serem implícitos, tornaram a coisa explícita... O quanto eles estão levando eu não sei, mas até a piadinha fica meio sem graça sem um agradinho dado de costa para a ética... Sinal de que a ousadia e traquinagem são mais do que necessárias.

O Jabá Fest é a certeza de muita risada, muito papo furado, muita gente chateada com a sua inserção no CD, com cara de sem graça, de colegas não deixando o chopp esquentar e do fuxico correndo em alta às vésperas de uma eleição. Às vezes eu fico imaginando a tamanha desfaçatez do César

---

<sup>3</sup> O jornalista César Cordeiro morreu em 6 de agosto de 2016, aos 48 anos, vítima de AVC.

Cordeiro, do Walter Ramos e de seus parceiros. O jabá, no meio jornalístico, repelido e antiético, leva alguns colegas a se arrepiarem (e outros a coçarem a mão) só de ouvi-lo.

O Dantas<sup>4</sup> trata os meninos do Jabá Fest como gênios. Eles agregaram o útil e o agradável e deu no que deu.

Só não vão cancelar a festa!

Para quem vai, uma dica: leve um lenço para limpar os beiços.

Chupe essa manga!

---

4 Altair da Costa Dantas foi advogado local, poeta e articulista morto em 5 de dezembro de 2015 aos 78 anos de idade vítima de ataque cardíaco em Campo Grande.

# Jabá Fest: chupa essa manga! (depois do evento)

“Dentro de um pragmatismo”, como dirigia o Diógenes Fernandes, o Jabá Fest 4 não decepcionou.

Muito pelo contrário.

Foi muito bom, repetindo o sucesso das edições anteriores.

Quem foi divertiu-se, colocou a fofoca em dia, comeu jabá, lambuzou-se com o caroço de manga e encheu os olhos de ciscos por causa da ventania e sujou os sapatos de lama devido à chuva.

Para uma festa que teve a presença de um governador folclórico, o personagem mais satirizado no CD, o Zeca do PT, bem no final da festa, fumando cigarrilha e com jeitão de Che Guevara, não poderia realmente sobrar manga, apenas caroços...

O CD possui 24 quadros de humor merecedores de crítica, apreciação e análise científica, literária e leiga. Mais do que isso: de risos, muitos risos!

Os textos são indiscutivelmente criativos e a produção em si igualmente surpreendente e irreverente. Tanto o César Cordeiro como o Walter Ramos e o Clóvis Cordeiro – este imita com perfeição o então deputado Ari Artuzi – estão de parabéns por essa forma explícita de abordar uma questão controvertida, ou seja, o jabá no meio jornalístico. Aliás, o jabá não existe apenas no jornalismo!

Mais do que isso, sentar em cima do tabu e fazer dele um viés de graça e teatro.

Aquele sábado no Clube de Imprensa de Dourados (CID) foi de certa forma indescritível, reunindo cenas atípicas e personagens por si só “iluminados”, cheios de presença e ruidosos.

Desta vez houve uma maior preocupação com a linha universal para o local, de tal forma que o mesmo CD poderá ser ouvido lá no Acre que os risos serão os mesmos embora a maior parte dos personagens sejam locais.

Igualmente, a escolha do tema, o Trem do Pantanal, foi bastante feliz. Hoje o Pantanal é uma linguagem conhecidíssima.

Para quem aprecia o bom humor e uma aprazível produção artística, o Jabá Fest 4 é um prato de mangas doces. Sempre considerei fantástico o trabalho desses artistas pela forma de contar piadas, fazer humor e ganhar dinheiro com isso, transformando a vida mais alegre aos que ignoram brilho e magia em coisas simples que estão na crônica popular local, regional e nacional.

O Jabá Fest vende, bem ou mal, uma imagem de quem adora e sabe tirar o sarro em cima de figuras de domínio público. Não é talento para qualquer um.

Quem foi, com certeza, gostou da lambança.

# Tchau beijoqueira...

O dia começou menos carinhoso.

A jornalista Márcia Carreri morreu num dia movimentado para as redações locais: 3 de maio de 2006, vítima de câncer.

Visita de ministro, agitação política, crônica policial tristemente recheada e um aspecto curioso, coincidente e intrigante: bem no Dia Mundial da Liberdade de Imprensa!

Que raios de liberdade!

Liberdade que levou do nosso convívio a amiga beijoqueira que esbanjava carinho com seus beijos, gestos e palavras.

Conheci a Marcinha lá no início da década de 80 e nos tornamos amigos na campanha para a presidência do Clube de Imprensa de Dourados (CID) quando ela também fazia parte da chapa.

Não tinha essa das esposas ficarem enciumadas por causa da sua presença no meio dos “marimbondos” porque ela fazia amizade com todas elas.

Era querida.

Eu nunca vi alguém emburrado ou decepcionado com ela.

Era papo bom para toda a hora, para todo momento, difícil, confuso ou não, nas rodas regadas à cerveja.

Na alegria, então, ela era uma criança sem limites!

Naquela campanha que aconteceu por volta de 1985 eu andava com o fusquinha amarelo 72 levando a família e ela junto para nossas promoções.

O fusca era o carrinho para levar gente para as festas, para correr atrás do que estava faltando, para carregar material de construção para a obra do CID, enfim, pau pra toda obra.

Como o carro era velho ela queria escrever para o Sílvio Santos para um quadro parecido com a “lata velha” do Caldeirão do Huck.

Eu que tinha vergonha de levar meu amado *herbie* para um programa de tevê...

Era velho, mas era meu...

Não queria desapegar.

Foram muitos momentos juntos, felizes, muitas ocasiões, trabalhamos próximos por diversas vezes.

Difícil esquecer a loirinha que por onde passava beijava a face de todos à sua volta, independente de idade, cor, credo, q.i., opção sexual, gênero...

Tinha um bom texto, tinha pique para jornal diário, para a tevê e paciência para lidar com jornalistas estressados e nervosos que “estouram” ao menor ouriço que pintava pela frente...

Com toda certeza ela lascou uma beijoca em São Pedro esbanjando simpatia.

Espírito evoluído partindo mais cedo.

Crianças quando morrem são anjos...

Ela era uma criança de 46 anos...

Dizem que ninguém é insubstituível.

Eu às vezes duvido.

Pessoas como Marcinha Carreri são sim insubstituíveis.

Que sua filha tenha orgulho dela.

Um dia a gente se vê.

# Teve até arroz de corda!

A noite de lançamento do *douradosinforma*, em 17 de março de 2006, foi bem badalada. Um brinde à descontração. Para alguém assim como eu que gosta de ficar observando os deslizes alheios e os próprios o ambiente foi bem surtido, ainda mais após a bebida subir pra cachola.

Teve quem confundisse feijão de corda com arroz de corda...

Um convidado escorado num *banner* acidentalmente ou não passou a mão na bunda do delegado e a autoridade olhou feio para o rapaz como se estivesse a perguntar “quer ver o Sol nascer quadrado?” com o sujeito desconcertado saindo de fininho e o delegado com a cara de poucos amigos...

O Russo sempre serelepe conversando com todo mundo e o parlamentar falando em tom de bajulação que a imprensa tinha a vantagem de cutucar o diabo com a vara curta no que um intrépido repórter cochichou ao pé de ouvido de um colega o que seria então aquela autoridade porque ninguém conseguia cutucá-la nem com palito de dente...

Festa boa é assim: presepada de montão, mas tudo se manteve nos conformes e ninguém foi preso, ninguém brigou, mas os convidados deram muito trabalho para os garçons.

Particularidades, mexericos, saudosismo, comparações, referências, citações disto e daquilo, piadas, papo sério e conversa fiada.

E um baita investimento sendo posto à mostra.

Lá pela madrugada as línguas pretas dominaram o ambiente e o César Cordeiro reuniu um bom repertório para o próximo Jabá Fest.

Cerveja gelada, vinho bom, uísque e frios da melhor

qualidade abasteceram a galera com muitas calorias e risadas e, certamente, uma ressaca dos diabos no dia seguinte...

O Nelso Gabiatti, anfitrião, faceiro, circulava com sua voz de Thor afirmando não desejar fazer concorrência e que seria parceiro.

Bom, em site o papo é curto como no facebook e não carece de muito lero-lero em se tratando de amenidades, portanto, deixo a imaginação do leit@r correr solta.

Mas a festa deu muito a falar e o site idem, embora ultimamente esteja mais quieto e comportado.

Falta sacudir a coisa novamente!

# O carrapato

O carrapato esperto ficou na espreita.  
Estava enjoado do sangue bovino, cavalarino,  
capivarino, desses inos do mato.  
Queria algo mais gostoso.  
Sangue de gente bêbada!  
ÔÔÔbá!  
Lógico! Ele também queria tomar um porre!  
Queria mordomia bucólica.  
Não ficava na carrapateira como os demais.  
O carrapato esperto ia a outro lugar. Tinha ceva própria.  
Ele conhecia a trilha do aprendiz de ermitão que sempre  
passava por ali com uma latinha de cerveja na mão em direção ao  
Douradilho.  
O aprendiz gostava de pescar, mas não pescava nada.  
Não entendia direito aquela coceirinha gostosa  
provocada pela picada de alguma coisa. Não sabia se era  
mosquito.  
Era a picada do carrapato esperto que deixava a  
coceirinha como retribuição pelo sangue chapado.  
Carrapato bêbado vira presa fácil para o quero-quero.  
Aliás, carrapato é presa fácil de qualquer jeito.  
O espertinho talvez não fosse tão esperto assim, mas ele  
não estava nem aí.  
Gostava de manguaça e dane-se o agrotóxico e quem  
quer que fosse!  
Era decidido o bichinho.  
Não fazia nada na vida a não ser sugar, sugar...  
Naquele dia ele tomou mais um porre, inchou e se  
estatelou.  
Derreteu-se ébrio no solo pátrio...

No mato tem dessas coisas, mas ninguém vê.  
O carrapato leva vantagem.  
Não tem fígado e nem ressaca!  
Apenas estufa, murcha e sai atrás de mais vitamina.  
Afinal, ele é um carrapato!  
A capivara linguaruda ainda falou:  
- Olha lá, o carrapato besta bêbado de novo...  
Ele replicou a lá Edibar:  
Bêbado, feliz e “sastisfeito” sua capivara idiota! Ic! Ic!  
Pescadores têm hospedeiros assim.

# Haurir

O homem, ao longo da história, tem feito muitas coisas erradas.

Mas tem feito coisas boas também.

Basta lembrar que Jesus Cristo, um dia, foi carne.

Com essas palavras eu tento falar sobre Harrison de Figueiredo, morto em 14 de agosto de 2005, aos 73 anos, vítima de câncer.

Qualquer fagulha verbal pós-morte é haurir.

Ninguém me viu no velório.

Contento-me com ralas boas lembranças e palavras de amigos.

Para quem não mora em Dourados, a chave: Harrison de Figueiredo, advogado, revolucionário, político, partidário, pioneiro e o único homem, aqui, a colocar flores na estátua de Getúlio Vargas.

Ele teve, evidentemente, outros atributos.

Ele não gostava que o chamassem de jibóia.

Mandava ir pentear macaco quem o chamasse assim.

O pai, Antônio Emílio de Figueiredo, nome de rua, pegava cobras com a mão. Dominava-as. Colocava-as no bolso.

É com honestidade e o pulsar das palavras que me recordo dele impondo voz eloquente e professoral, defendendo ideais, propostas, enfim.

Já que não pode iniciar uma revolução exorcizou os fantasmas da prefeitura em 89, defendeu os direitos humanos, tinha muito a oferecer.

Quis seguir Che Guevara; foi preso em 64; tinha claustrofobia.

Exercitava a história local como poucos.

Recordo dele colocando flores na estátua e das conversas

intermináveis.

Como era bom tê-lo por perto. A insegurança diminuía.

Ulisses Guimarães disse que não desejava virar estátua.

Não queria os pássaros fazendo titica na careca.

Mas o Harrison depositava flores para Getúlio.

Ziraldo deu a fórmula para tornar as pessoas menos infelizes: plantar flores em todos os lugares!

A flor traz felicidade.

O rapaz apaixonado manda flores.

Buda, quando nasceu, teria sido cercado por uma névoa de pétalas.

Jibóia é uma planta trepadeira, de raízes adventícias.

O poeta vê na flor o caminho da abelha.

Como era bom entrevistá-lo, hauri-lo.

Ele disse que foi escrivão do delegado Feliciano Vieira Benedetti, figura lendária na história local.

Como era admirável vê-lo fluindo com palavras rebuscadas...

Eu lembro-me das flores na estátua.

Um dia após sua morte, duas jovens foram até a estátua de Getúlio para tirar fotos.

O homem pode ser comparado a uma flor: nasce, cresce, embeleza, entristece e seca.

As rosas carregam espinhos.

As flores devem ser gotas do choro de Deus diante dos absurdos cometidos pelos homens.

Eu lembro-me das flores na estátua.

Tanta luta, embate, sonho e estudo para chegar ao *Pantheon*, quanta doçura em vida para mostrar que o amargo não vale a pena...

O homem é maior que a flor ou a flor é maior que o homem?

Eu quero saber quem vai, agora, colocar flores na estátua?

Aliás, estátua tirada do centro da cidade onde Getúlio ficava olhando para sua principal obra aqui, a Colônia Agrícola Nacional de Dourado, a famosa CAND.

Realocado, a imagem de Getúlio olha agora para outra colônia, a municipal, da qual ele não teve nada a ver.

Mais um feito de quem não conhece a história.



# A tolerância zero do seu Antônio

O sanfoneiro Adão Cavaleiro conhece seu Antônio como a palma da própria mão, lá de Vicentina, uma região onde predomina a cultura nordestina ascendente da Colônia Agrícola Nacional de Dourados (CAND).

Seu Antônio é, literalmente, tolerância zero.

Adão contou algumas coisas sobre o seu Antônio que o leit@r vai adorar no melhor estilo do personagem Saraiva (Zorra Total).

Seu Antônio chega a casa dele com uma galinha congelada e põe em cima da mesa.

A esposa pergunta:

- O que você quer que eu faça com isso?

- Oxente, mulher!... Solta no quintal para ver se ela cria uns pintinhos...

Outro dia chega com uma cabeça de leitoa e ela faz a mesma pergunta.

- Mas num é de vê! Chama as crianças pra modo de fazê um cercado aí no quintal e vê se a deixa engordar mais um pouquinho...

Injuriado com a falta de percepção da própria esposa, ele vai ao banco trocar um cheque e a caixa pergunta:

- O senhor vai querer dinheiro em espécie?

- Não, vou querer tudo em clipe, grampo e borrachinha aí do banco, dessas de prender o dinheiro! Você não está vendo o cheque? Está pensando que eu vou querer o quê?

A moça fica sem graça e deve ter pensado: "que grosso!"

Seu Antônio é assim mesmo.

É rápido no gatilho

Quem conhece pensa duas vezes antes de falar alguma coisa.

Uma vez vinha de carro pra Dourados e é parado na PRF.

- O senhor está indo para onde?

- Oxente, seu guarda! Se eu estou vindo cá de trás eu só posso estar indo lá pra frente!

O patrulheiro ficou observando, pensa, podia implicar com o homem, mas concorda que o sujeito tem razão. Se estivesse vindo de cá só poderia estar indo pra lá mesmo...

Passa no posto de gasolina e o frentista com a maior boa vontade:

- Vai abastecer?

- Não! Você tira a gasolina e põe na bomba!

O seu Antônio estava afiado naqueles dias.

Passa na loja de produtos agropecuários para comprar veneno pra matar ratos.

O vendedor:

- Então quer dizer que o senhor vai levar veneno pra matar ratos?

- Ô peste! Eu vou pegar os ratos e trazê pra comer aqui! Tá bom assim?

Seu Antônio resolve montar uma barraca de camelô.

Nisso passa um garoto e pergunta:

- Seu Antônio, quanto é que custa o relógio?

- São dez mil réis menino...

- Mas a gente pode tomar banho com ele?

- Não, não... Tomar banho a gente toma com sabonete.

Onde já se viu tomar banho com relógio? Isso não pode não... A sua mãe ainda não te falou isso?

# Mad Mariazinha

Em meio à beleza bucólica da Pousada do Tucunaré onde os jornalistas e estudantes de Jornalismo da Unigran ficaram alojados em Três Lagoas durante evento da categoria nos dias 8 e 9 de abril de 2005, um trator Massey Ferguson modelo 50, parecendo uma mini-locomotiva puxando uma réplica de um vagão lembrando as jardineiras de antigamente foi uma das sensações.

Não apenas pelos solavancos, pela lambida áspera do mato à beira do caminho na pele de quem ficava na janela, mas também pelo jeito, pelo ambiente e pelo condutor, o Sebastião, o simpático “maquinista”.

O Élvio Lopes associou rapidamente o trenzinho com a série Mad Maria da tevê *Globo*. Com uma risada inconfundível e o peculiar uiaááá fronteiroço ele já batizou o veículo de Mad Mariazinha.

O nome pegou e o dono aproveitou para escrevê-lo no trenzinho tornando-se um atrativo a mais.

Era Mad Mariazinha pra lá, Mad Mariazinha pra cá levando a animada turma...

Por aí vê a percepção do jornalista. O veículo estava lá há tempo e era visto apenas como um objeto a mais, sem nenhum encanto. Embora a série tivesse terminado há poucos dias bastou um grupo trovejante de Dourados aportar no local para dar um tom diferente ao ambiente.

Aliás, reunião de jornalistas sempre rende muita criatividade.

Lá que nós ficamos sabendo por intermédio do Antônio Neres que a campanha do Russo para vereador tinha sido tão atípica que o mesmo havia contratado uma pessoa muda para entregar santinhos...

O proprietário da pousada, Antônio Faco, até se inspirou ao dizer que “aqui se come com os olhos!”

O palestrante principal do evento era o Hermano Henning, mas o povo estava mais interessado em curtir a pousada à beira do remanso do Paranazão equipado com piscina, aves, chuveirinhos, um bom restaurante, lama preta e muito mato.

Agregar valores e o olhar diferenciado sobre fatos e questões inerentes ao encontro talvez tenha sido uma grande lição.

O anfitrião do evento foi o Ricardo Ojeda.

A Mad Mariazinha deixou saudades...

Ah! Que farra!

# A dona Maria<sup>5</sup>

A dona Maria, lavadeira, não entende muito bem o sentido do Dia Internacional da Mulher.

Para ela todo dia é dia de ralo.

Em sua humilde concepção a data tem mais um apelo de propaganda partidária, pois, não muda em nada o dia-a-dia.

Seria como dar um pirulito pra criança parar de chorar.

Ela não conhece a luta das mulheres ao longo da história, do movimento feminista por igualdade de direitos, e como antes o espaço político, nos empregos e na sociedade como um todo era mais fechado e elas não tinham sequer direito ao voto.

A dona Maria luta para ajudar no sustento da casa com o marido e por isso é uma leoa.

E é tida pelos filhos e pelo marido como uma diva.

Ela disse que conhece apenas essa vida e nada mais.

Trabalhou desde mocinha na roça, não teve chance de estudo, a leitura é fraca, a escrita também e quando veio para a cidade precisou continuar trabalhando como doméstica até casar-se com um homem bom e ter filhos.

A alegria da prole veio acompanhada da necessidade de ter que trabalhar em troca da dignidade.

De certa forma ela enxerga bem o lado político da questão.

Para ela as autoridades fazem pouco para melhorar a vida das mulheres pobres e acham ainda que mereçam crédito.

Delegacia da Mulher? Lei Maria da Penha? Hospital da Mulher?

Coisa de político interesseiro.

Ela disse que não precisa de delegacia porque é honesta e

---

<sup>5</sup> Crônica inspirada em outra do mesmo autor com o título “Gladiadoras e divas” publicada em [www.luiscarlosluciano.com.br](http://www.luiscarlosluciano.com.br)

leva a vida muito seriamente.

Não precisa de lei de proteção porque se o marido relar a mão ela mete a peixeira e aí sim vai pra delegacia.

Se o salário fosse mais digno a mulher não ficava doente porque se alimentaria melhor, seria mais feliz, menos estressada, sem dor nas costas e calos nas mãos e teria um ambiente melhor em família e, quem sabe, um passeio no shopping..

As domésticas que só há pouco tiveram reconhecidos os direitos trabalhistas. A mãe dela veio do sítio e trabalhou em casa de família até envergar as costas e levou uma vida pobre até morrer.

A própria dona Maria, à noite, faz tricô, bolo, pão e doces para vender porque não há o que chegue pra pagar conta e imposto.

E ela trabalha bastante com foco em dar estudo para os filhos.

“Que raios de Dia Internacional da Mulher é esse?”, questiona.

“Isso é coisa de quem tá com TPM.”

A sua terapia é ver novela, assistir a missa e ouvir o Marçal Filho.

Mas não pede nada pra político e nem vende o voto.

Não se envergonha de ser pobre e anda de cabeça erguida.

“Eles têm que tomar vergonha na cara”, diz ríspida.

A dona Maria, no fundo, não aceita este mundo maluco e prefere trabalhar, trabalhar, falar pouco, ouvir apenas o necessário e esperar que o trem da vida chegue algum dia à estação da boa ventura.

“Não sou Maria tola vai com as outras.”

# Dias de angústia

A criança se vê no meio de um ambiente cinza porque é muito diferente da vila onde morava, onde o chão era vermelho, a casa era simples, mas ela tinha amigos.

Ali, no acampamento do MST, parece que paira uma nuvem negra, um alvoroço, com pessoas se movimentando de um lado para outro.

Quase todo mundo é magro e as outras crianças de sua idade parecem tristes.

Ela vê o pai desaparecendo em meio à multidão com o facão na mão diante de um cenário estranho de barracos cobertos com lona preta; a mãe saindo em busca de água pra beber, pra lavar as louças e pra tomar banho.

Ela não sabe expressar direito o que sente, mas acha que não é bom.

Outras crianças chorando, os menores engatinhando pelo chão e se sujando, jaguapirus brincando e brigando por um pedaço de osso, aquela imagem desagradável aos seus olhos.

Quando se vê sozinha começa a chorar e não adianta porque ninguém acode, ninguém quer saber do seu choro e a mãe some no horizonte em direção ao riacho.

A cidade de lona não dorme, não descansa, não tem paz.

A luta por um pedaço de terra exige sacrifícios.

Ela sente fome e pára de chorar para ver se a fome passa.

No barraco não há sequer um pedaço de pão, apenas um naco de charque e arroz por ser cozido.

O acampamento está em polvorosa porque a polícia pode chegar a qualquer momento para os mandarem saírem e os jagunços não param de rondar o lugar de dia e de noite.

O clima é tenso. A criança não sabe exatamente o significado disso tudo, mas sente algo esquisito.

Na estrada passam caminhonetes com ocupantes bonitos, viçosos, roliços e com chapéus novos e às vezes crianças bem vestidas, acenando e sorrindo.

Quando a fome aumenta e ela começa a chorar mais forte em tom de desespero eis que o anjo da guarda aparece com a mãe dela com balde na cabeça.

A mãe então a afaga, pede para ter calma, parar de chorar e que vai providenciar algo pra eles comerem.

Ela não tem irmão, não sabe se isso é bom ou ruim.

Lembra que à noite anterior foi fria, que o pai tossiu muito e que a mãe também não dormiu direito.

Em algum lugar, de longe, ouviram tiros.

Ela está quase na idade de frequentar a escola, mas não sabe se vai frequentá-la e nunca foi a uma creche.

O futuro, para ela, resume-se em ficar em volta da saia da mãe e pedir atenção do pai no pouco tempo em que ele fica no barraco e está disposto a lhe dar carinho porque vive cansado e amargurado.

O pai, na maioria das vezes, é distante.

Coisa de adulto com preocupações e medo do que está por vir.

As crianças deveriam ser mais protegidas nos acampamentos do MST.

Todos sofrem.

A propriedade deve ser respeitada, mas há muito abuso e como a lei é lenta e serve mais à burguesia que tem dinheiro para pagar bons advogados as classes menos favorecidas precisam forçar a barra para serem ouvidas, respeitadas e terem direito à igualdade.

As crianças, porém, não têm culpa dos erros históricos, mas certamente são elas as mais traumatizadas nas situações de conflito.

Elas não sabem nada sobre os homens gananciosos e acumuladores de riqueza à custa da miséria alheia e se não forem bem tratadas, cuidadas e educadas crescerão com ódio.

# O camelo, a agulha e o Reino

- Você jogou na mega-sena?

- Não!

- Ah! Eu encontrei aqueles números que tinha perdido, vou apostar...

No serviço só se falava no prêmio milionário.

Um colega pediu dinheiro emprestado para jogar nos números, segundo ele, “quentes”.

Quem emprestou ficou com a promessa da divisão.

A colega comentou:

- Para que R\$ 23 milhões? R\$ 1 milhão já tava bom demais, não quero ficar rica!

Funcionários cujos salários mal pagam as contas do mês ficavam sonhando como seria a vida se fossem ricos da noite para o dia...

- Ah! Com esse dinheiro eu vou fazer uma edícula, comprar uma Biz, fazer um churrasco... – disse um deles.

Cada ideia de jerico!

Outro com tendência à preguiça:

- Eu não preciso de tanto, o bastante para ajeitar a vida e deixar de trabalhar...

O sonho de ganhar uma bolada deixa os pobres meio abestalhados, pois, a carne tem o mesmo fim...

Tem muito rico que trabalha mais do que pobre para cuidar de suas coisas, mas tem cada milionário de fazer inveja...

Geralmente os abastados padecem de problemas diferentes, mas o bolso cheio de grana ajuda muito...

E como entender rico que joga em loteria? Pra que ele quer mais dinheiro?

Aliás, todos que correm atrás do vil metal são movidos pela ganância...

O sonho de ganhar na mega realmente contagia meio mundo.

Muitos conseguiram meter a mão na bolada e tantas são as histórias dos que perderam tudo porque não souberam trabalhar com o dinheiro...

De acordo o Evangelho (Mateus 19:24): “É mais fácil passar o camelo pelo fundo de uma agulha do que entrar o rico no Reino de Deus.”

Mas a maior parte das pessoas não quer saber disso não. Primeiro querem suprir a necessidade do ego e da carne e depois, bom, depois é depois...

É mais fácil encontrar dentes na galinha do que um rico dividir seus bens com os pobres para garantir o reino dos céus... Mas o pobre fica tão alijado que até mesmo o jogo do bicho só rende merreca e vicia mais que cachaça. O sujeito fica sempre na esperança de ganhar um troco para comprar uma carne pra janta.

Também é raro quem tem a vocação franciscana pra pobre...

Mas levar uma vidinha equilibrada é melhor porque a felicidade depende da formação e do estado de espírito de cada um.

Tem gente que vê a felicidade nos bens materiais e outras nem tanto.

Acostuma-se com o sofrimento, com as limitações e toca o barco da vida remando rio acima a correnteza...

Mas, cá pra nós, tem um palpite aí?

Lá no trabalho continua todo mundo pobre...

# A igreja do pastor Paulo<sup>6</sup>

O diabinho atenta onde menos se espera.

Se duvidar ele inferniza até na missa.

E se tem um lugar onde eles vivem atijando confusão é no bar.

Além de incentivar o sujeito a encher a cara ainda joga um monte de titica na cabeça do bêbado para ver se ele briga, cai na sarjeta, urina nas calças e fala um besteiro só.

Dizem que bar da periferia é pior: os pobres coitados encham o rabo de cachaça porque não podem beber algo melhor e ficam doidos varridos, intragáveis, nojentos e violentos.

Mas tem festa de grã-fino que os bacanas também encham o rabo de uísque bom e também fazem besteiras.

Aqui em Dourados para tentar amenizar o clima e neutralizar um pouco a ação do diabinho, o comunicador Matias do MS, um sujeito criativo deu a ideia de transformar o bar na igreja do pastor Paulo.

Primeiro se é igreja não tem pastor...

Mas está valendo.

Então em vez do freguês pedir uma pinga ele pede uma hóstia!

Se quiser tomar vinho pede aquilo que Jesus multiplicou na festa de pobre...

Se for uma cerveja gelada diz querer Sabazius e se depois de umas tantas não conseguir mais pronunciar esse nome pede pelo deus-cabrito mesmo...

E por aí a coisa vai.

Há um vocabulário próprio e quando aparece um freguês

---

6 Crônica do mesmo autor com o título "O diabinho na Corte do Rei Arthur" publicada em [www.luiscarlosluciano.com.br](http://www.luiscarlosluciano.com.br)

novo ele precisa ser ungido antes de ser aceito na confraria.

Não se sabe ao certo se isso dá certo, mas é difícil alguém brigar lá no Bar do Bigode do BNH 4º Plano.

O fardo é o pastor Paulo aguentar a alugaçãõ.

A maior parte dos frequentadores casualmente vê o bicho de pé por conta do desgaste causado pelo álcool...

É também um lugar bom pros bebedores se aconselharem sobre diferentes assuntos, inclusive como driblar a mulher furiosa em casa.

Política e futebol são os assuntos correntes!

Tem mortadela, coxinha, palmeirense, santista, corintiano, enfim.

Mulher bonita não deve entrar lá por razões óbvias.

Certa feita uma mulher encostou o carro próximo à sarjeta e perguntou sem sair do carro para o primeiro ali no balcão se tinha açúcar. O sujeito todo solícito perguntou pro dono do bar e não tinha. O gentil freguês então repassou a informação pra folgado que foi saindo devagar e falando:

- Mas cana tem...

O cara ficou com ar de besta...

Dias desses aparecera a esposa de um e começou a dar uma bronca no marido na frente do todo mundo, ou melhor, quase na frente de todo mundo porque quando ela começou a berrar a roda se espalhou...

Depois quando a fera se ausentou e o vivente todo desconcertado os demais reaproximaram dizendo “não liga não, isso acontece.”

O que não falta é marmanjo barbudo reclamando da esposa, do patrão, do governo e do PT.

Talvez seja o diabinho tentando encontrar outras maneiras de atentar o ambiente tão bonzinho, tão inocente...

Volta e meia morre alguém do meio e todos se entristecem por um minuto, tomam uma hóstia em homenagem ao finado e tudo volta ao normal.

Na igreja tentaram criar um serviço de entrega domiciliar

por conta da lei seca, mas o indivíduo seria entregue em carrinho de mão.

O primeiro a fazer isso apanhou da esposa do bêbado e ninguém mais topou a parada.



# A nossa Maria Bolacha

O cronista Ulisses Serra, o Machado de Assis de MS segundo Elpídio Reis, conta em *Camalotes e Guavirais* a história de Maria Bolacha e Josetti.

Resguardadas as devidas particularidades em Dourados pode não ter nenhum Josetti, mas tem uma Maria Bolacha.

A Maria Bolacha de Ulisses, baixa e gorda, com andar de papagaio, era zombada pelos garotos e não se intimidava em esticar o chicote para exigir respeito.

A nossa Maria Bolacha não é nem baixa nem alta, tem os cabelos louros compridos, encaracolados, é gorda, usa túnica e vivia andando pra cima e pra baixo.

Aliás, ela anda sumida ultimamente.

Não usa chicote, mas o seu olhar reprime, a sua fala impõe certo respeito e às vezes não dá para entender direito o que ela fala, mas sempre oferta suas coisinhas pra venda.

A nossa não é tão velha assim, mas o andar de papagaio é peculiar.

Dizem que no passado ela sofreu uma desilusão de amor e ficou assim, sem se preocupar mais com a aparência e as roupas.

A Maria Bolacha de Ulisses, ao contrário, impunha no mínimo uma varonil dignidade.

Contam que a nossa era uma mulher bonita e desejada, mas teria se deixado levar pelo amor errado que virou seu trauma, sua perda, sua eterna tristeza.

A nossa sempre anda sozinha. Além da túnica surrada, ela caminha de forma arrastada e o cabelo sempre à moda dos quadros de Jesus Cristo europeu.

Seria um vaganau diferente, segundo Ulisses.

A nossa Maria Bolacha meio que se fechou para o mundo.

Pelo menos ela se esforça e trabalha e não está nem aí pros olhares indiferentes.

A nossa Maria Bolacha deve ter as vantagens que a solidão lhe oferece, isto é, menos decepção.

Talvez seus choros fiquem restritos ao seu quarto.

Fique com Deus nossa Maria Bolacha, pois, Ele sim consola aqueles que os demais, invariavelmente, ignoram.

# Mineiro forte

No dia 16 de julho de 2003 partiu Francisco de Paula Vieira, 83 anos.

Não era celebridade douradense porque sempre manteve a discrição, mas seus ancestrais seriam fundadores da cidade de Botelhos (MG).

Era mais conhecido entre os produtores rurais como Chico Vieira.

Cavalga sem pressa, olhando o útil, o inútil, atento ao perfil de uma nova boiada. Conhece o seu rebanho como a palma da mão e talvez, lá no céu, esteja ajudando a arrebanhar as ovelhas perdidas aqui na terra...

Contava animais com a faceirice de um menino conferindo as bolinhas de gude.

Em vida, durante os leilões ele se acomodava, observava as ofertas, dizia não ao garçom com uísque porque negócio não combina com bebida, aliás, para ele, bebida não combina com nada de bom...

O mineiro forte sabia das coisas.

Era um homem sem vícios, dedicado à família, suando a camisa como o mais humilde homem apesar de já ter conquistado um bom pecúlio.

Era um senhor com coração bom, dedicado.

Construiu uma família sólida.

Não se sabe ao certo qual a imagem que ele fazia daquela criança que um dia apareceu na casa dele e passou ali a maior parte da infância.

Para aquela criança, ele foi uma referência.

O seu Chico presenteou aquele agregado já adolescente com uma bezerra malhada e um chapéu para que se lembrasse que não estava esquecido.

Cedeu a vaga no clube para que aprendesse a nadar, a ter boa saúde e se divertir como os garotos da mesma idade.

Deu bons conselhos e exemplos.

Ensinou-lhe a encilhar o cavalo, a cavalgar, jogar dama, ser sempre honesto, custe o que custasse e falar a verdade.

Seu Chico viajou pro outro mundo deixando muitos amigos do lado de cá.

Agora deve estar passeando por campos verdes, faceiro e sorridente, em comunhão com a natureza.

Todos os grandes homens deixam boas lições.

O seu nome era uma homenagem a outro grande homem, São Francisco de Assis.

Todo Francisco deve ser inspirado no santo amigo dos animais e dos pobres.

Deixemo-lo seguir sua trajetória de luz em paz, na esperança de receber notícias vindas de algum lugar distante.

O mineiro forte viajou por quase todo o País, mas deseja conhecer novos locais e espíritos serenos e iluminados.

Teve uma companheira também forte, a dona Lúcia, a segunda mãe daquele mesmo garoto, falecida alguns anos depois do seu Chico.

Paulo, o filho, herdou a observação, a firmeza, a coragem, a sensibilidade, a mesma bondade e retidão.

Enquanto abanam o lenço branco vendo-o partindo fica a certeza de que, para os vivos, só restam mesmo lembranças, boas e más.

# Cobertor de orelha

A mãe Natureza é pródiga e perversa.

É uma piada essa conversa de que Deus dá o frio conforme o cobertor.

Não se protege pra ver...

O frio judia mesmo e é preciso ter bons agasalhos, luvas, meias, uma boa morada e algoquentinho pra forrar o estômago porque senão o bicho pega.

E se tiver Sol é gostoso lagartear.

Os moradores de rua, evidentemente, são os mais vulneráveis, os velhos, as crianças, mas muita gente enfrenta o frio por conta do trabalho e isso não é nenhuma novidade.

Teve um cara que saiu bem de casa numa bicicleta e quando chegou ao serviço tinha virado picolé...

Nos dias gelados não se vê “picolezero” na rua...

A pele chega a enrugar, a sapecar e o beijo racha pedindo manteiga de cacau.

Morrer de frio chega a ser ambíguo. Há aqueles que ficam literalmente tremendo e outros que morrem mesmo de hipotermia.

Nas noites frias já que por estas bandas raramente as casas têm lareiras porque faz mais calor do que frio, um aquecedor é muito bem-vindo assim como um ar condicionado quente-frio.

Há quem aproveite esses momentos para ficar junto e contar causos.

Ou então puxar o cobertor de orelha que pode vir acompanhado de um abraço ou ficar de conchinha na cama debaixo do edredom assistindo um filme quente, sim porque se for sobre o Alasca ou coisa do tipo o pé congela e a orelha mais ainda.

Pode notar que em dias e noites frias ninguém fica com a

orelha quente, sinal de que ninguém está falando mal de você ou então é uma porcaria de crendice.

Uma vantagem: é fácil encontrar cerveja gelada nos bares.

Uma desvantagem: a resistência do chuveiro sempre queima nesses dias...

Recomenda-se tomar banho frio em dias frios, mas nem gambá entra nessa conversa fiada. Dizem que é bom pra saúde! Mas tá! O cara prefere ficar doente...

A venda de desodorante e perfume aumenta porque, bom, deixa pra lá...

Europeus e russos não tomam tantos banhos como nós exemplares e cheirosos brasileiros, mas é curioso saber que o perfume foi criado no Egito, um lugar quente de dia e frio à noite inicialmente para ser usado em deuses (estátuas!) e defuntos!

Os cachorros ficam fedidos pra dedéu...

E alguns cachorrões de dois pés também...

Pensa numa mulher brava quando tem que lavar louça, roupas, enfim, mexer com água...

Por aqui sobra mate e falta tereré!

E a tal da geadada negra?

E quando pifa a bateria do carro na hora de sair atrasado pro trabalho?

Enfim, é um deus-nos-acuda.

O povo reclama de tudo.

# O seu Oliveira

O seu Oliveira passava boa parte do dia balançando a rede colocada na calçada sob a sombra de duas ficus observando o movimento da rua.

Às vezes ficava com o olhar perdido em seus próprios pensamentos, vendo os carros passarem, os ciclistas, os motociclistas, as crianças brincando e angélico tirava uma soneca.

Todos na rua chamam-no de seu Oliveira então deve ser esse mesmo o nome. Quando o vizinho de muro chegava do trabalho os dois se cumprimentavam e quando ele saía era o mesmo aceno.

Parece que o seu Oliveira gostava de cumprimentar as pessoas.

Ele contava histórias de Dourados de antigamente quando a caça era abundante e todo mundo andava com um revólver 44 na cintura.

O seu Oliveira deveria ter perto dos seus 80 anos.

Magrinho, estatura pequena, calvo, sempre sorridente.

Ele tinha uma charrete na praça, o táxi de quando as ruas eram poucas e só existiam veredas. E para puxar a charrete um bom cavalo.

Ele gabava-se que era bom atirador. Os atiradores faziam apostas e o ganhador levava um porco gordo pra casa e não era animal vivo. O porco era morto e carneado na hora, enchendo latas de banha.

“Era uma fartura”, contava.

Dias desses não deve ter amarrado a rede direito e estatelou-se no chão.

Mas não foi nada, a não ser um belo galo na cabeça.

Ele disse que já teve uma fazenda em Glória de Dourados,

uma casa lotérica e um dia saiu um bilhete sorteado que foi uma festa, um marketing para seu negócio.

A fazenda ele perdeu quando precisou fazer cirurgia do coração.

Por aí se vê como fica caro um trem desses para quem não tem convênio e nem tempo pra fila do SUS.

O vizinho contou que olhava pro seu Oliveira e imaginava a própria velhice: meio que sozinho, fazendo a comida, lavando a própria roupa e às vezes limpando a casa porque o único filho que morava junto ficava o dia fora.

Teve um tempo em que ele andava tomando uns remédios fortes e saía de cueca na rua.

As pessoas riam e ele nem aí pra paçoca.

Aos domingos quando o vizinho apontava a cara na rua ele perguntava:

- Já vai passear?

Parece que queria ir junto.

Os passarinhos às vezes soltavam titicas nele quando estava balançando a rede e ele nem percebia e quando percebia dava uma olhada desconfiada pra cima tipo a dizer “ô passarinho besta”...

Já faz alguns anos que ele morreu.

Um dia ficou doente, foi hospitalizado e não resistiu.

Poucos na rua se lembram dele, mas o vizinho de muro nunca esqueceu.

# O homem que tacava pedras na rua

Era uma vez um senhor, não muito velho, mas muito gozador que gostava de ficar tacando pedras na rua.

Estava aposentado, não tinha mais nada pra fazer, num ócio só, então ele inventou de tacar pedra na rua.

Mesmo aposentado ficou por algum tempo como guarda de um estacionamento no centro da cidade.

Ficava ali recolhendo a fêria e conversando quinem o homem da cobra.

No mesmo lugar ficava um marreteiro de carro e os dois papeavam até dar sede.

Quando uns e outros ficavam no Bar do Takeo e passavam da hora de pegar o carro ele ia atrás. Parava na calçada e acenava os braços para os atrasadinhos a dizer: “pô!”

No terreno do estacionamento ele soltou galinhas que viviam correndo dos carros, plantou cana, batatinha, chuchu e capinava a tiririca.

Essa era a vida dele.

Um gato que queria comer os pintinhos ele pôs pra correr.

Outra coisa que ele gostava de fazer era ficar olhando para o telhado da agência da Caixa na lateral do terreno onde um urubu fica espreitando o movimento.

Acho que ele queria ver pra onde o urubu ia.

“Será que eu estou cuidando dele e ele está cuidando de mim?”, pensou.

Até que um dia arrendaram o estacionamento e ele ficou sem a boquinha.

Foi quando resolveu ficar sentado em frente de casa com um monte de pedras ao lado e tacava-as pra um lado e pra outro.

Dá para imaginar a cena...

Ele não era doido de tacar pedras nas pessoas e nem nos

carros, mas apenas na rua.

Um dia passou uma senhora e escorregou depois de pisar em cima de uma pedrinha.

Ele então concluiu que podia machucar alguém com aquela mania besta e irrefletida, mas continuou tacando pedras.

Outro dia passou uma moto, a pedrinha ricocheteou e acertou a canela dele.

Ele deu um gritinho:

- Aíiiii! Uíííí! Essa doeu...

O tiozinho era o maior barato.

Havia aqueles que riam dele tacando pedras e ele ria das pessoas rindo dele, afinal, bestice não tem idade e nem tamanho...

Certa vez ele filosofou:

- Cada pedrinha que eu joga é um dia da minha vida que foi embora...

Então ele ia tacar muita pedra porque o homem era forte como uma rocha.

# Vontade de escrever<sup>7</sup>

Talvez esse título não seja de todo apropriado para o momento, mas por falta de outro, fica esse mesmo, pois, ele expressa uma pura e simples verdade. @ leit@r pode ficar imaginando: um jornalista deve estar farto de tanto escrever e de ler sistematicamente textos diariamente e não teria cabimento arranjar mais periquitos para a gaiola, mas a lida jornalística, embora semelhante, é uma prima distante do exercício literário.

Estou iniciando uma série de crônicas literárias semanais com o objetivo de aliviar a alma, escrever futilidades, contar estórias e colocar em prática uma idéia que nasceu, na verdade, quando me aproximei mais da Literatura no Curso de Letras e se fortaleceu durante a especialização e as aulas com alguns doutores na matéria. Tirar o peso de um fardo contínuo pode ser uma boa terapia. Servir @ leit@r com essa leveza talvez me faça esquecer o holerite.

O recomendado, o aconselhável e convencional é unir o útil ao agradável, mas neste mundo maluco e de conceitos mil e com a semiótica para sinalizar novos horizontes, quem sabe desunir o útil do agradável e unir o inútil ao desagradável sirva para a alquimia verbal e disso tudo saia uma nova espécie de pitbull menos raivosa, menos violenta. Como diriam as magérrimas: light.

O que eu quero dizer @ leit@r não precisa entender. Já bastam as notícias para serem compreendidas. Este espaço estava faltando no jornal para se preencher um vazio que transcende o ambiente dos fatos, dos comentários e opiniões.

---

<sup>7</sup> Texto anunciando as crônicas no *Jornal Diário MS* publicadas às segundas-feiras na p. 3 do Caderno 2 em meados de 2003.

Dar asas ao imaginário é o convite premiado para a festa no céu.

Este aprendiz de ermitão está em Alfa e com uma coceira danada para escrever um canteiro de abobrinhas. Espero que @s leit@res sintam também essa coceira e quem sabe assim a mimese se efetive. Acho que está faltando um olhar espontâneo e menos compromissado sobre muitas coisas que acontecem em Dourados e espero ter a graça, a iluminação e a competência para contribuir com uma leitura onde a gente junta os interesses, a picuinha, a realidade e amassa tudo e joga no lixo. A Literatura tem essa primazia de fazer com que as palavras, conceitos, formalidades, desejos, esperanças e amores se congracem como um encontro de borboletas que recém saíram do casulo.

# Sal grosso no assédio moral

Coube-me na partilha dos temas abordados como parte do 23º aniversário do Sindicato dos Jornalistas Profissionais na Região da Grande Dourados (SINJORGRAN), 9 de dezembro, tocar num fantasma: o assédio moral. Logo me veio à mente a história de um velho amigo que sentiu na pele essa degeneração. Passou maus bocados em pelo menos três redações onde trabalhou.

Em todas as ocasiões ele preferiu pedir as contas a reagir. Já estava com o saco cheio e com os nervos a flor da pele. Não revidou, não denunciou e menosprezou o trauma. O sindicato dele era disperso, não oferecia acolhida. As evidências eram frágeis, menos alguns bilhetes desaforados da chefia. Os colegas de trabalho não testemunhariam a seu favor.

A dor já passou. Hoje ele guarda, sem ressentimentos, essa triste lembrança, mas ficou mais esperto. O capeta fecha uma porta e Deus abre outras. O Sol continuou brilhando para ele. Quem apostou na barata morta se enganou.

Ele crê na redenção, mas aqueles fatos tornaram os tiranos reféns da consciência dele.

Recorro, permita-me leit@r, ao caso desse amigo porque já há bibliografias sobre o assunto no Google explicando detalhes sobre o assédio moral, como evitá-lo e como buscar ajuda.

Invoco, no entanto, a adjetivação: assédio moral beira à canalhice, à tirania, à insanidade. É crime difícil de ser provado, mas é crime!

Lógico que cada caso é um caso.

Mas, no nosso meio, pior e ainda mais vergonhoso é ver um colega jornalista assumindo o papel de algoz num flagrante desrespeito às fontes, aos companheiros de trabalho, leit@res, à categoria e à própria empresa. Jornalista com um mínimo de

decência não faz isso. Não usurpa. Esse comportamento antiético, infelizmente, não é tão raro como se imagina.

Mas geralmente o assédio moral virulento vem de cima para baixo. O objetivo é sempre manter a redação em rédeas curtas, com liberdade cerceada para não atrapalhar os interesses da casa e anunciantes que nem sempre são – pasmem! - os mesmos d@s leit@res. Há também as incompatibilidades e a fogueira de vaidades alimentando essas agressões.

Realmente deve ser muito difícil manter a cabeça erguida quando ficam jogando lixo em cima da gente, quando nos humilham na frente dos colegas, nos diminuem intelectualmente e nos impõem tarefas absurdas. Chefias intransigentes e maquiavélicas se sobrepondo, exibindo um poder efêmero e ridículo.

Acredito que não possa haver hierarquia eficiente sem harmonia, trabalho ético, respeito, regras claras, uma relação digna no ambiente de trabalho e salários justos. Conflitos são inerentes nas redações, mas isso no campo das ideias, sem selvagerias.

Nunca haverá compatibilidade em ambiente assombrado pelo assédio moral e quando há chefias bipolares e com a macaca no corpo. Essas pessoas deveriam fazer terapia ou, no mínimo, um tratamento com sal grosso.

Atribuem a Getúlio Vargas esta frase: “Quem muito se agacha perde com a indignidade do gesto o respeito que lhe é devido.”

A despeito do meu amigo entendo que nós, jornalistas, precisamos resistir a isso e denunciar sempre. Não podemos aceitar esse redemoinho de crueldade.

O SINJORGRAN é a segunda casa dos jornalistas e está aberto às denúncias. A entidade tem a obrigação de defendê-los. Se não reagirmos enfraquecemos com a vergonha e o medo que alimentam essa imoralidade.

O artigo 6º do capítulo 2, parágrafo XIII do Código de Ética, orienta que todo jornalista deve “denunciar as práticas de

assédio moral no trabalho às autoridades e, quando for o caso, à comissão de ética competente.”

Se o meu amigo estivesse na jurisdição do SINJORGRAN certamente a tratativa seria outra porque aqui, quando está em jogo a defesa legítima, “Nóis capota, mas não breca”, como a música de Hugo Tarantini.



# Não ignore o olhar do peixe morto

O belo Rio Dourado há muito não é mais o mesmo, isso não é nenhuma novidade.

A cor barrenta sim é de sempre.

O rio está com olhar de peixe morto!

Uma tristeza mortífera!

Ele grita por socorro e ninguém o acode.

Também pede ajuda o restante da flora e da fauna douradenses, mas a poluição entupiu os ouvidos das pessoas e dos governos.

Em vez de serem todos ouvidos se fazem de moucos!

O rio, os córregos e os bichos podem ensinar muito.

E não param de cobrar, numa coreografia de apelo, a falta de consciência e de uma política pública ambiental de verdade e não de mentirinha.

Além do olhar de peixe morto, o Rio Dourado anda choroso, remelento e com nhaca no nariz...

Mas não por culpa dele!

Liguem para o 192 do SAMU enquanto ainda resta um sopro de vida no verde desbotado...

O ambiente de vida aquática, mesmo agonizante, mata a fome e a sede dos ribeirinhos e dos urbanos...

Ele não tomou drogas por curiosidade.

Enfiaram-nas barranco abaixo!

Substâncias venenosas se misturam ao lixo onde a vida parcialmente nasce e se renova...

A roda do círculo natural está sendo rapidamente retorcida, enferrujada...

O manancial não está mais suportando o sofrimento e a covardia.

Teria arquitetado um plano para a vil vingança.

Compartilhar aquilo que mais e mais o destrói com os ditos inteligentes eretos de dois pés que habitam as cidades...

Teria decidido: seria olho por olho!

Ou melhor: olho de peixe morto por olho de peixe morto!

Afinal, a água barrenta corre para a água barrenta...

# Os jardins estão mais tristes

No dia 1º de novembro de 2007, véspera de Finados, morreu em Dourados o engenheiro florestal Bernardino da Costa Bezerra, aos 68 anos, vítima de câncer, deixando jardins, praças, árvores, pássaros, sementes, amigos e parentes...

Uma das poucas pessoas da cidade que gostava verdadeiramente das plantas e vivia em função delas descansou em sono eterno, mas antes disso, há seis dias, no hospital, doou uma muda de pau-brasil para ser plantada no Parque dos Ipês em homenagem a outro grande ecologista local, Primo Vicente Fioravante, morto em 2002; e uma de jacarandá, madeira de lei, ao servidor José Gilmar Alves Dantas, há 30 anos cuidando dos jardins públicos locais. Duas espécies símbolos do Brasil.

As plantas, a natureza como um todo, desde quando o Mundo se tornou habitável, vem presenteando os homens com sua beleza, alegria, perfume e espinhos também para mostrar que nem tudo são flores na vida, a exemplo da morte. Mas o homem, em sua falha consciência, nem sempre retribuiu essa dádiva, notando mais os espinhos do que esplendor de uma rosa ou o espetáculo de uma orquídea, isso para não mencionar a ganância pelo possuir a custo da destruição.

Bernardininho Bezerra remava excêntrica contra essa onda devastadora, embora poucos douradenses saibam que os canteiros centrais e praças se tornaram mais belos depois que ele passou a tomar conta deles e deixou alguns discípulos fiéis dando continuidade ao trabalho depois que se afastou do serviço público.

Por várias vezes, eu municiado avidamente com a caneta e o caderno e ele com o conhecimento acumulado, saímos pela cidade para fazer matérias sobre as flores, os jardins e os bosques. Mostrava, alegremente, o viveiro de mudas, a árvore

do Parque dos Ipês onde ele implantou uma prótese para que ela não fosse sacrificada, as palmeiras adultas transplantadas no trevo da BR-163, no prolongamento da Marcelino Pires, retiradas defronte à Seara, pois, o projeto de duplicação da pista passava insensivelmente por cima delas.

Essas palmeiras, viçosas, derramaram lágrimas pelo homem que as salvou. Ironicamente elas foram cortadas em outubro de 2015 (só sobrou uma) sob a alegação de garantir a segurança viária...

Explicava que as plantas na pista de caminhada do Parque dos Ipês tinham sido escolhidas para facilitar o trabalho dos pulmões; que gostava de pescarias, mas não ia atrás do peixe e sequer o retirava da água, mas gostava do som do vento se encontrando com as folhas das árvores; que as flores da área central ajudavam as pessoas a serem mais alegres numa cidade de tantos contrastes onde a violência mora ao lado da felicidade; que o angico identificava um terreno de bastante água.

Capitaneou um projeto para reproduzir plantas nativas e disse que seus aliados eram os macacos pequenos que retiravam as sementes da copa das árvores e jogavam-nas na terra, enfim, foram inúmeras as graças.

Na casa dele, o ajardinamento sobrepunha o cimento e a recepção do restaurante familiar na parte da frente, tipicamente de massas, com a réplica de um poço dos desejos na varanda, era feita pelas flores.

O consolo, talvez, se a melancolia ainda não tomou conta do escopo, seja o fato de que a partir de agora Bernardino que não era tão velho assim em idade e muito jovem em espírito, vai tentar tornar ainda mais belos os jardins do céu para receber alegremente para uma nova vida, sem tristeza, quem mereça o paraíso.

Guimarães Rosa disse: “São muitos e milhões de jardins, e todos os jardins se falam. Os pássaros dos ventos do céu - constantes trazem recados (...).”

Entre a enorme variedade de flores, nenhuma vive mais do

que a artificial. Vive mais porque não tem vida, não tem essência, é apenas imitação. Porque a vida, assim como a planta, um dia se acaba por aqui e como ele diria, vira adubo para uma nova planta.

Mas a flor deixa seu inconfundível perfume no ar.

Descanse em paz Bernardino da Costa Bezerra das Árvores, Flores e Jardins de Dourados...

Os pássaros cantam em sua homenagem.



# FUSCACHAMBÓ<sup>8</sup>

<sup>8</sup> As aventuras de um fusca que tem vida própria, pouca inteligência e quer ser um *Simca Chambord* ou o *Herbie*.



# O borracheiro sem-vergonha

O fuscacahambó, parafraseando a Suzana Arakaki, garra um ódio desse tipo de gente...

Mas vamos lá.

Quase toda borracharia de esquina ou beira de estrada costuma ter um painel bem intrigante.

Aquele isopor na parede contendo pregos, parafusos e outros objetos perfurantes é piada, uma afronta, gozação na cabeça de quem teve o pneu furado, se sujou para trocá-lo, suou a camisa e está ali no borracheiro esperando o conserto.

Coleção bastante esquisita...

O sujeito estava olhando o painel pensando sabe-se lá o que e jamais poderia imaginar que seria vítima do mau-caratismo: sabe aquela banheira velha ou tanque, quase podre, cheio de água suja que os borracheiros mergulham a câmara para localizar o furo?

Pois é.

O borracheiro da vez havia colocado uma tábua velha cheia de pregos no fundo.

Quando ele enfiava a câmara apareciam mais furos e o remendo ficava mais caro...

Cabra safado...

Lógico que nem todos são assim...

Mas aquele era.

- Não tem jeito doutor, tem que arrumar...

E aquele borracheiro ainda ficava contando vantagem...

Cada prego daquele painel causou sofrimento a alguém, afinal, ninguém merece um pneu furado a não ser, obviamente, o borracheiro...

Os borracheiros fazem questão desse adereço na espelunca.

Quanto mais prego e coisas estranhas, mais lorota  
rende...

Misericórdia!

Infelizmente gente honesta não tem estrela na testa.

Bi bi!

# O jogo contra o time do cantor Daniel

O tititi é o jogo entre o time da imprensa contra o do cantor Daniel no estádio Douradão.

Surgiu piada de todo tipo por conta daquelas figuras em campo...

Foi uma gozação em cima da outra...

E o fusquinha lá na beira do campo soltando óleo de tanto rir...

O radialista dizia que um colega estava bem no jogo quando o comentarista emendou:

- Bem só se for de barriga! Olha o tamanho da pança!

Os jogadores praticamente só ficavam de um lado do campo, ou seja, do lado do pessoal da imprensa tamanha a goleada dos visitantes.

A bola raramente ameaçava o goleiro do time do Daniel.

A bola estava literalmente quadrada para o time da imprensa.

Para o time da casa teria faltado tudo: entrosamento, talento, afinidade com a bola, enfim, futebol...

Tentaram culpar o frio, mas qual é!

Um bando de pernas de pau!

Por alguns dias só se falou nisso.

É evidente que o público foi mais pra ver o badalado Daniel, pois, conseguiram colocar dez mil pessoas no estádio.

Viram até a hora que o Russo passou a mão na bunda do cantor...

Bi bi!



# Ventania política

O fusca coloca os olhos pra fora da garagem (ops, faróis!), olha pra lá e pra cá e aleluia!

Acabou a ventania política, aquela que não deixava pedra sobre pedra!

A paulada foi grande durante a campanha.

Teve candidato que teve até a quinta geração achincalhada.

Briga de gente grande.

O fusca estava ressabiado naqueles dias por conta do terrível assédio.

Era cabo eleitoral pra todo lado e candidato oferecendo até a mãe.

O fusca é mais assediado porque ele é muito conhecido.

Afinal não tem nenhum outro carro na cidade que se comunica na linguagem das latas, se acha sabido, carismático e fofinho...

Pode ser feio e esquisitinho, mas é a lata!

Quiseram pintá-lo de vermelho e pôr uma estrela no capô; o opositor oferecia o amarelo e uma reforma completa na lataria desbotada, enfim.

Mas o fusquinha queria sossego.

A transparência, para ele, ia além dos vidros laterais e do pára-brisa...

E para não se indispor com este ou aquele se recolheu na garagem até a poeira baixar.

Ficou apertando um parafuso aqui e outro acolá e vendo o que era possível fazer nas horas em que não estava com preguiça.

Outros carros estavam na campanha cheios de adesivos, mas ele não.

Nem adesivo ele deixava pôr.

Na verdade o fusca já está escaldado com campanhas políticas.

Levou muito calote, poeira e lama, pisotearam em cima dele, promessas não cumpridas e muito falatório por nada.

O fuscachambó só quer gasolina azul, polimento, graxa, cheirinho interno bom, limpeza, sombra, óleo de qualidade e dar umas bandas pra paquerar as latinhas...

Bi bi!

# Ventania política 2

O fusca com uma dó danada da kombi de som dos políticos.

Elas tão sendo exploradas ao extremo.

Quando não é o som muito alto é adesivo por toda a lataria que a kombi fica mais colorida que uma árvore de Natal.

Cada candidato à vereança quer um espacinho pra colar adesivo.

Aliás, a campanha eleitoral, como não poderia ser diferente, está gerando uma confusão dos diabos.

O fuscachambó, por exemplo, não sabe se segue pra esquerda, pra direita, pro centro ou pra onde o samba do crioulo doido irá.

É um comendo o fígado do outro e dê-lhe desqualificar o adversário.

Praticamente toda kombi da cidade foi contratada pra campanha.

Quem tem uma alugou a peso de ouro.

Outras foram ressuscitadas do ferro-velho.

Além de toda kombi em condições de uso, talvez tenham arregimentado todos os carros velhos.

Haja lata-velha nas ruas a serviço desse povo...

Vans, caravans, veraneios, corcéis, ônibus, fuscas e até carroças, motos e bicicletas!

O fuscachambó não gostou de ver seus pares na campanha, mas cada um é dono do próprio capô.

Ele quer ver o tanto de carro que vai ficar abandonado a hora que acabar essa fuzarca.

E não deu outra.

Quando acabou a campanha sumiram as relíquias desengonçadas.

Voltaram todas para o ferro-velho de onde não deveriam  
nunca ter saído.

Bi bi!

# Gasolina cara pra chuchu

As coisas estão ficando cada vez mais arrochadas.

Vejam o preço da gasolina e o tanto de aumentos!

Está subindo mais que pinga.

Desse jeito não dá.

E olhem que o fusquinha é econômico prá chuchu, um mão de vaca em se tratando de consumo.

Ele nem quer imaginar a situação do Galaxie, do Dodge Dart, do Maverick V8, do Opala seis cilindros...

Gasolina cara, menos passeio, menos acelerada, menos pra lá e pra cá, menos tudo.

E carro que não circula não fica sabendo das coisas, não faz comercial, não é visto nem lembrado, não vê as novidades.

Até parece tempos de guerra.

E quem sabe seja mesmo, mas silenciosa, agindo pelas beiradas.

Isso para não contar o tanto de batismo na gasolina que torna o produto uma porcaria, pra não mencionar o velado cartel.

Como fazer: o fuscachambó precisa circular pra ganhar uns trocados e, evidentemente, abastecer o tanque, mas sem vitamina ele fica parado.

O dono anda a coçar a orelha, a barba, o cotovelo, o saco, enfim, mas isso não vai render gasolina não.

O medo do fusca é ficar de vez na garagem jogado às traças e comprarem um cavalo.

Se fosse flex com energia elétrica, água, luz solar, carvão, beterraba, cana, batata, quem sabe o chuchu e outras fontes alternativas ele não estaria nessa depre.

Mas ele depende da gasolina.

Não entende como a gasolina em outros países custa

bem mais barata, ou melhor, ele não entende o tanto de imposto embutido no nosso combustível.

Tudo errado.

Se nada melhorar das duas uma: garagem ou ferro-velho!

E no mundo das latas motorizadas não há consenso para uma revolução.

Bi bi!

# Autobot

Jacinto anda empolgado com as notícias sobre ETs e discos voadores que o jornal tem divulgado.

Anda matutando uma forma de espionar as naves espaciais para se apropriar de alguma tecnologia, já que o Professor Pardal não sai das estórias em quadrinhos e só trabalha a peso de ouro pro Tio Patinhas.

Ele fica imaginando se conseguisse transformar o fusca 69 num rápido meio de transporte, desses que andam a velocidade da luz, flutuam no espaço como no desenho dos Jetsons, sem tráfego, sem lombada eletrônica, sem buracos na rua...

Seria uma maravilha, daria pra ganhar dinheiro como táxi.

Jacinto nunca duvidou da inteligência dos extraterrestres.

Mas seus sonhos caem por terra quando percebe que nada disso é palpável, se limita ao imaginário, à hipótese, ficção.

E olha pro seu fusquinha carecendo de uma boa reforma e se entristece com a realidade.

Mas como ele tem uma boa imaginação passa a olhar o carro de outro jeito: “Mas o formato parece de um disco voador... E se eu colocasse asas no fusca será que ele voaria com esse motorzinho? Faria o maior sucesso, igual o *Herbie*...”

Jacinto quer criar opções para o seu fusquinha, mas o carrinho mal chega aos 80 km por hora...

O fuscachambó só observa o parente velho nas mãos do Jacinto e no que o homem ainda poderá imaginar em fazer com o carrinho.

Não quer nem pensar no pior.

Vai que ele resolve mergulhar o fusquinha na pedreira

para ver se ele funciona como submarino ou serve pra pesca subaquática.

Ou então resolve fazer dele um soldado de aço das galáxias, um autobot?

Só daria um soldadinho raso de lata...

Bibi!

# Taxistas versus moto-táxi

Os taxistas andavam furiosos com a concorrência dos moto-taxistas.

Enquanto eles ficavam vendo o tempo passar nos pontos, o concorrente não parava de cruzar a avenida pra cima e pra baixo.

Não tem como concorrer no preço já que as pessoas parecem pouco se importar com comodidade e segurança.

A novidade pode inviabilizar o táxi, mas o tempo passou e as duas partes convivem pacificamente. Aliás, o serviço de moto-táxi encareceu e tem concessionário extrapolando a tabela.

Porém no começo a relação foi tensa.

Os taxistas tinham até perdido a vontade de conversar, ou melhor, ficavam sem assunto porque tinham tempo de sobra para tagarelar.

Enquanto isso as contas só vencendo, a prestação do carro...

Eles chegaram a se assustar quando tocava o telefone.

Um deles tirava a soneca no banco traseiro do táxi quando chegava um cliente, depois outro, depois outro...

Tinha tirado a sorte grande. Mas era apenas um sonho.

Quando ele acordou por causa do barulho de um moto-taxista passando com o escapamento aberto ele ficou com mais raiva ainda.

Sem nada por fazer, restou-lhe deitar novamente e quem sabe sonhar com os números da mega-sena ou no mínimo do jogo do bicho.

E dorme em meio ao barulho do trânsito.

A única coisa que não fazia barulho era o taxímetro.

Bi bi!



# São Cristóvão

São Cristóvão realmente é um santo porreta.

Depois de atravessar o riacho carregando Jesus Cristo sobre os ombros ele vem protegendo muito caminhoneiro doido pelas estradas.

Dias desses, como santo não é de ferro, ele estava se queixando do trabalho. Estava estressado, com dor nas costas e cansado de tanto ficar balançando no pára-brisa e de tomar cada susto na estrada...

Chegando perto do seu dia, 25 de julho, resolveu pedir uma folga a Deus.

Tinha até arranjado um adjunto.

Em casa, de papo pro ar, assistindo filme bíblico e comendo pipoca deduziu que aquela sim era a vida que deveria pedir a Deus.

Mas Deus não ouviu suas preces, quer dizer, ouviu sim, apenas achou por bem não atendê-las porque se o São Cristóvão ficasse em casa só no ócio a tragédia nas estradas seria maior.

Mas pelo menos Deus aceitou mudar o formato de um bonequinho balançando no pára-brisa por um adesivo no painel. Não sacudia tanto.

São Cristóvão não se deu por satisfeito.

Quer fazer greve e que os caminhoneiros é que se cuidem melhor.

Ele também tem que cuidar de atletas, marinheiros, barqueiros e viajantes. É muito trabalho! Misericórdia de Deus!

Faltaram incluir os maquinistas, pilotos de avião, de moto, de automóveis de corrida...

Uma coisa que ele sempre detestou é o desfile de caminhões buzinando e fazendo o maior estardalhaço em pleno domingo pela manhã no centro da cidade até a paróquia com o

nome dele.

Santa inutilidade!

Andou trocando umas ideias com o fuscachambó pra ver como vai enfrentar a exploração.

São Cristóvão anda convencido de que precisa se aposentar.

São séculos de trabalho.

Pior que escravo.

Espera-se que os protegidos não fiquem mais somente contando com a proteção dele senão o trem vai ficar feio.

Bi bi!

# Cenas do cotidiano

Não se sabe quem inventou a besteira de que mulher bonita e volante não combinam.

Combinam sim.

Imagine um peixão dirigindo um belo carro.

O cara se apaixona pelos dois.

O que não combina é a mulher bonita passando pela calçada e um idiota dirigindo um carrão querendo fazer gracinha com a gostosa.

Se for motociclista pior ainda.

Eles podem se ferrar por três motivos: a falta de atenção potencializa o risco de acidente; a mulher não dar a mínima ou então o namorado ou marido por perto com uma garrucha na mão.

Um moto-taxista quase se ralou num acidente por causa disso.

Ele comia com os olhos uma loira passando de shortinho com um bumbum da Carla Perez nos bons tempos quando se desequilibrou, subiu a calçada e quase caiu.

Não caiu, mas pagou um mico danado porque quem viu tirou o maior sarro e a loira nem aí pro marmanjo.

Um tiozinho entrou no muro e aí ele viu, de fato, com fica caro esse trem chamado mulher “biita.”

Outra situação curiosa é quando uma mulher bonita passa dirigindo um carro feio, velho e esfolado.

Todos olham do mesmo jeito.

Quem tem olhos vê, oras.

Olho serve pra quê?

O fuscachambó é outro que fica circulando tonto pelas ruas olhando pra todo lado e não perde uma latinha da hora.

Ele sonha por uma latinha transparente!

Mas não só o homem age assim.

Mulher também tem o diabo no corpo.

Quando ela vê um homem bonito reage de forma parecida e abre um sorriso enorme.

Se for homem bonito e carrão elas costumam entrar em transe.

Se for homem feio e carro velho elas evidentemente nem dão bola.

A vida é assim.

O bonito leva vantagem sobre o feio independente do conteúdo.

O fuscachambó fica no meio.

Bi bi!

# Dirigibilidade

Aprender a dirigir é tão necessário quanto saber ler e escrever. O difícil é aprender essas coisas quanto já se fica velho, quando a mente começa a ficar meio enferrujada, a preguiça bate nas costas e a matreirice toma conta do espírito.

Mas isso não é genérico, naturalmente. Alguns remam contra a maré e conseguem chegar na praia. Foi assim com o Fusca Bala. A buzina era um berro e o freio um toco.

Comprou um fusca sem saber dirigir. Entrou na auto-escola mas está mais fácil fazer Medicina do que tirar carta de motorista. O que antes era fácil - muita gente aqui na cidade comprou CNH por telefone - tornou-se um martírio. O motorista tem até que aprender sobre o funcionamento do motor.

Lá vai nosso protagonista fazer as primeiras aulas teóricas. Decorar a sinalização foi como aprender a tabuada novamente. Aula vai, aula vem, mandam ele voltar à noite para conhecer o motor.

Vou mas demora, pensou.

O Fusca Bala diz que se pegar no volante ele sai dirigindo. Ninguém duvida. Ninguém duvida também as presepadas que ele vai fazer e quantos meio-fio ele vai passar por cima. Talvez ele preferisse continuar andando a pé.

O sujeito nem de bicicleta aprendeu a andar. Ele explica porque:

- Lá no sítio, no Barreirão, só tinha cavalo.

Bi bi!



# Os buracos

O fuscachambó anda preguiçoso. Também pudera. Com essa buracaida nas ruas e o preço da gasolina a peso de ouro, o melhor mesmo é ficar quietinho, contemplando o vazio e os remendos do pneu.

Mas de vez em quando ele tem dado uma saidinha sim, pelo menos para ouvir as fofocas no mundo das latas. O fusca leva ao extremo aquela máxima de que se você não pode com o inimigo, junte-se a ele. Como é impossível desviar-se de todos os buracos da cidade, o jeito foi fazer amizade com eles.

É um oi daqui, um olá prá lá e um fon fon que não acaba mais. Os mais engraçadinhos dizem: upa cavalinho!

O fusca comenta que os buracos contam tanta coisa e que olhar de baixo prá cima tem lá suas vantagens. Uma delas é ver que tem muito carrão por ai que se pinta de gostosão com cada furo imenso no assoalho...

Tem o buraco melancólico, aquele que só vive de mal com a vida, o com cara de japonês, aquele outro que parece uma omelete, aquele que faz eco, enfim, tem cratera prá todo gosto. O fusca acha que vai ficar com saudades deles. Mas eles são igual tiririca. Mata-se uma e vem outra no lugar.

Bi bi!



# Papai Noel

O fusca vestido de Papai Noel ficou uma gracinha. Aquele ho ho ho... que a criançada adora foi substituído pelo vruuuuu vrummm... cof cof...

O bigodão branco precisou de quilos de cola e quase acabou com o estoque de algodão da cidade. Mas ficou bonito, aquela coisa.

No lugar do chapéu vermelho, o fusca usou uma sirene de Polícia para dar aquele tchan e abrir espaço nas ruas. O casaco com a mesma cor deu aquele ar de batman cor de rosa... as botas deram lugar aos pneus brancos e dê-lhe ho ho ho... pela cidade, ops! ho ho ho... nada, é vrummm mesmo, daqueles que parecem válvulas batendo desesperadamente...

O problema foi encontrar um saco decente e o maior ainda foi enchê-lo. Para parecer que o Natal é bem gordinho, o fusca encheu o saco de fumaça preta e pendurou-o na traseira. O problema é que tinha um furinho de onde saia aquele fio de cor cinza com cheiro de biela queimada...

As renas, as renas, outro problema. Como elas não existem por aqui, o fusca tratou de acopalar na frente dois carneiros de gesso. Foi aquela festa, aquela coisa gostosa, aquela alegria.

Mas criança é um bichinho esperto. Um deles chegou perto das renas que não eram renas e perguntou por que elas não tinham chifres...O fusca não gostou muito da pergunta porque essa coisa de chifres não lhe agrada nem um pouquinho. Mas o garoto insistiu e quis saber mais. O fusca disse então que os chifres das renas eram iguais a dos humanos. O guri olha arregalhado. É, você sabe que eles existem mas não os vê.

Bi bi!



# Transição

Que delícia encher o tanque dois dias depois da alta! Bom, encher menos da metade porque o dinheiro destinado ao combustível é o mesmo... Isso significa menos roles pela praça, menos isto, menos aquilo...

Bom, deixa de lado essas notícias desagradáveis. O que o fusca anda intrigado mesmo é com uma tal de transição. Ele só conhece a transmissão. Fuuuzzzz...

Dizem que são coisas da política. Ah!, por falar em política, alguém sabe dizer o que ela tem a ver com a alta da gasolina? As duas andam tão agudadas ultimamente... Bom, a transição deve ser uma parenta próxima do trânsito. Mas se ela for tão confusa quanto o primo, tamo tudo ralado... o fusca prefere continuar com os choquinhos das suas peças íntimas... Mas a transição, dizem, é para preparar o terreno para a transmissão. Ué? Então ela é uma patrola? Argumentam que isso é necessário para garantir a merenda gorda da dona democracia e que a amistosidade precisa passar à frente da hostilidade – mas deve-se ter cuidado com ultrapassagens rápidas!

De qualquer forma, dizem também que isso é positivo e necessário. Durma-se com um barulho desses. Ou melhor, que barulho? A tal da transição acontece mansinho, mansinho, quiném gato de armazém que vem se esfregando nas rodas do fusca e quando não tem ninguém por perto dá aquela unhada no pneu careca...

Bi bi!



# Frio

Bruuuuuuu... Já viu um carro tremer de frio? Pois é, o fusca não tem nenhuma vocação pra pinguim. Não tem um parafuso que fica firme com esse tempo.

Nhenhem-nhem... cof cof cof... nhem-nhem-nheemmm... Pronto, agora é a bateria que foi pro saco! Ninguém, obviamente, quer ir para o inferno mas bem que o fusca tá com uma saudade de algo mais quente.

O pior é que nem a marvada dá jeito. Não resolve muita coisa misturar mais álcool na gasolina. Ou resolve? O duro é o dia seguinte. Ressaca e frio são de afundar o prontuário... O fusca não consegue nem pensar direito – bom, isso ele nunca soube mesmo – em dias de Sol, imagine com a temperatura batendo a casa do zero. A língua afiada encontra-se, temporariamente, travada... Bruuuuu...

O pior é que nem a garagem, fechadinha, esquenta. O pneu tá querendo rachar de tanto gelo. O dia em que a temperatura bateu a casa dos 4.3 graus abaixo de zero, o fusca virou, literalmente, picolé.

Picolé de fusca é ruim heim?... Se a moda pega a fama do fusca vai, definitivamente, pro congelador. Que papo mais gelado esse! Bruuuuuuuuu...

Bi bi!



# Candidato

Dourados não tem quatro candidatos a prefeito, tem cinco: oras, o fuscachambó, o cliente mais assíduo das oficinas mecânicas e das borracharias! E com ele não essa de nhem-nhem-nhem, é bi bi e fon fon, fumaça preta no escape e se a formiga não sair da frente, passa por cima! Ele só não passa por cima de bituca de cigarro por razões óbvias...

Afinal, o fusca tem todas as vias disponíveis, uma frota de milhares de veículos circulando, outros tantos guardados nas garagens, enfim, tem uma unanimidade fenomenal. Será mesmo? As vezes ele duvida disso, mas diga-se que sim. É o único representante dos veículos pneumáticos da cidade e com ele não tem essa de apenas para a esquerda, apenas para a direita, centro-esquerda, ele circula em todas as direções, sentidos, emoções, buracos, asfaltos mal e bem feitos. Só não é pau pra toda obra porque ele é feito de lata...Diga-se então que ele é lata pra todas as ferrugens, ops!, lata pra todas as sardinhas! Desde já ele pede o voto, um pouco de gasolina, uma ajudinha pro pneu, uma ruela para a rebimboca da parafuseta. Não é dando que se recebe? O fusca não tem nada a dar, apenas a tomar.

Pra oferecer ele tem uma buzina novinha e uma bateria que ainda dá pro gasto. Antes votar no bi bi do que no fi fi, no li li, no ci ci, no mi mi e nos outros is por aí...

Bi bi!



# A exposição

O fusca colocou um chapéu de boiadeiro, uma botina de couro sobre os pneus e foi ver o que a Expoagro tem de bom. Ele ficou fascinado com o rabo (ops!, é melhor chamar de cauda) dos animais e o tanto de titicão que eles soltam por dia.

O fusca ficou pensando (olha!, ele pensa...ahhhhh!!!) que só de rabo, se fossem colocadas todas as caudas dos animais, em torno de quatro mil, em linha reta, daria um total de 3,2 km levando em conta que cada uma mede, em média, 0,80 centímetros.

A matemática, apesar de ser uma ciência exata, as vezes engana, mas a conta é por aí mesmo.

Então ele ficou imaginando quanto combustível está sendo desperdiçado. Se cada animal c... 10kg de b... por dia, chega-se a um total de 40 mil kg/dia. Afê!, não é qualquer fossa que aguenta... Para onde será que está indo todo esse esterco?

Rapaz, isso para não contar as outras titicas que são feitas durante a exposição. É m... que não acaba mais. São necessários dez caminhões caçamba por dia para transportar toda essa riqueza biológica e isso daria também para afundar todos os ventiladores da cidade na m...

Seguindo esse raciocínio, quer dizer então que o número de chifres pode chegar a oito mil, isso só para contar aqueles dos bovinos. O fusca já tá fundindo a biela de tantos números.

Bi bi!



# TEATRO



# O ervateiro e o anta

Comédia em três atos

PERSONAGENS: O ERVATEIRO; A SERIEMA, a amiga; O TUCANO DO ERON, amigo dos dois; O ANTA, amigo de ninguém; O FANTASMA, espírito do ERVATEIRO.

## **Apresentação**

*(Feita por dois atores com o rosto encoberto por máscaras; o primeiro se posta à frente em silêncio, abaixado com uma das mãos no palco, e o outro, logo atrás, apenas curvado, faz a apresentação em tom alegre).*

Esta peça é inspirada em fatos reais.

Com pitadas de surrealismo e ironia.

Em novembro de 2004 a prefeitura instalou no centro de Dourados a estátua do peão dos ervais. Tinha pouco mais de quatro metros de altura, esculpida por Mestre Cilço e seu auxiliar conhecido como João de Barro.

A despeito de críticas, brejeirices e da inerente licença poética, o monumento tornou-se referência, um cartão postal.

Em maio de 2009, em outra gestão, foi alvo de vandalismo público: os pés do ervateiro foram cortados na "boca da noite" e o monumento retirado. Poucos presenciaram a subtração.

A estátua ficou jogada, por meses, no depósito municipal até que, por pressão da sociedade fosse resgatada. Mas o resgate deu-se parcial e superficial e ainda assim por imposição da Justiça.

Sem o mesmo brilho e robustez de outrora foi erguida e escondida num parque da cidade.

Esta é uma estória de intolerância e ciúmes.

Talvez o espírito do peão dos ervais tenha clemência de quem o desdenhou.

O ervateiro, enfim, cantado em prosa pelo escritor Hélio Serejo seria herói, espectro ou outra coisa qualquer?

No conto “O flagelo dos ervais”, no livro *Prosa Rude*, edição de 1951, Serejo escrevera: “Um dia, talvez, homens conscientes erigirão, nalguma praça pública, um monumentozinho, como tributo justo de gratidão a esses heróis anônimos...”

*(A cena passa-se em um bar em pleno centro de Dourados, em uma noite de calor).*

## **ATO PRIMEIRO**

Balcão de bar e ao fundo o som de uma guarania (Sugestões: Índia e Recuerdos de Ypacaraí). Galhos de erva-mate pelo ambiente.

## **CENA I**

ERVATEIRO, com roupa típica e vocabulário caipira. Jeitão rústico, tomando canha, já sentindo os efeitos do álcool, pensando em voz alta - Mas a ranchada<sup>1</sup> anda em porvorosa, uma bestice atrás da outra... Inté parece carroça puxada por animár de pêlo curto endoidado! E o guaipeca<sup>2</sup> correndo atrás com um palmo de língua pra fora... Vai morrer o vira-lata... O che patron e os pulíticos não se entendem por causa da caá<sup>3</sup> (fazendo sinal com os dedos mostrando que eles não se entendem por causa do dinheiro)... Isso inda podi dá entrevero<sup>4</sup> e, vai vendo, noize vamú pagá o patu... Dipore nhá-monguetá<sup>5</sup>...

---

1 Grupo de pequenos ranchos, geralmente de capim. Lugar onde se trabalha o mate até o ensacamento.

2 Cachorro pequeno, vira-latas.

3 Erva-mate.

4 Grande confusão. Luta corpo a corpo.

5 Não tem conversa.

## CENA II

Entra a Seriema, animada com o jeroki<sup>6</sup> daquela noite, com trajes caipiras, brincos de mamona e uma boneca feita de espiga de milho.

SERIEMA - Prosiando sozinho camarada Ervateiro? Olha que botões não respondem, dentro ou fora de suas casinhas de pano... Eles são insensíveis, num têm piedade...

ERVATEIRO - Tá graçadinha nhá Seriema... Toma um trago aí porque à noite inda tá jovem pro jeroki... Faizê digestão aos insetos, cobrinhas e coquinhos que tú certamente engoliste por hoji... Fica zuzubem logo... A noite é longa e promete... Quando tú não consegui mais bate asas vai vê como é duro o chão e quão bom é o gostio de terra... Ehehehehe... Tô qui conversando sim com meus botões, pensando sobre o feitio dos nossos pulíticos e do novo che patron... A ranchada parece desconcertada...

SERIEMA (Desviando o rumo da prosa) - Como ocê anda passando?

ERVATEIRO - Chodido amiga, pero bien contento...

SERIEMA - Aí que lombeira!<sup>7</sup> Vontade de lagartear.<sup>8</sup> Pulíticos, mi erra!... (cospe no chão em sinal de protesto). Só de pensa nesses pulíticos cardidos mi ataca a TPM... Pió que noizê não podi fazê muita coisa... São pió que boca de sapo...

ERVATEIRO - Ando precupado...

SERIEMA (Olhando com curiosidade para o Ervateiro) - O amigo tá carecendo de argo ou deseja confidenciá alguma coisa? Ocê sabe, a minha boca é um túmbalo!... Podi confia...

ERVATEIRO - Tô sabendo... Nos aty guassu<sup>9</sup> da vida a passarinhada num tem segredo...

SERIEMA - A gente pia de montão quase todo dia e fala da vida

---

6 Baile.

7 Preguiça. Desânimo.

8 Acordar muito tarde ou ficar se aquecendo ao Sol.

9 Na língua guarani, grande reunião.

de todo o erval, mas também ficamus iguár corochiré-pitã<sup>10</sup> novo na muda quando careci, sem dá um pio...

ERVATEIRO - O che patron num qué sabê de queixa e nem de prosa... Anda mandradão.<sup>11</sup> Trata a gente com indiferença, como umbigo, só vai empurrando com a barriga... E noize sendo explorados, sugados e trabaiando como animár de pêlo curto... Dizê o bonzão que queixa é coisa de gente à toa, de comunistinha desbotado e com foice cega... De sordado raso... Deixa fartá côsto<sup>12</sup> pra ele ver os peões lagarteando de vez...

SERIEMA - Mas quar o motivo da estranheza? Ocê bem sabe que esse novo che patron é um traste, a peñozada não confia nele como habilitado...<sup>13</sup> O que tú tá sabendo que noizê num tamu? Porque o che patron tá te dexando encabrunhado?

### **CENA III**

Nisso entra o Tucano do Eron, tipo atlético fazendo pose de galã com plumas nas cores verde e amarela e o bico na nuca.

TUCANO DO ERON - Buenas pessoár do ervá! Temos fuxicos novos?... Coisas como o Sol e a Lua são preguiça, não acabam nunca, além de fofocas, canha e essa coceirinha gostiosa (coça as axilas)... Pioinho bom...

ERVATEIRO - As novidades não são muito boas... O che patron quer esfolar inda mais o nosso couro que já tá em carne viva... A espinhela num guenta mais tanto raído<sup>14</sup> nas costas...

TUCANO DO ERON - É... É dura a vida de pião... Pobri só come migalha do rico... (Põe uma dose no copo).

SERIEMA - Dizem que nada é eterno... A única coisa que é eterna pro povo da ranchada é o sofrimento, a lida dura... Má memo assim ele num se cansa de mbureá...<sup>15</sup> O jeito é luta com

---

10 Sabiá.

11 Muito mandão; aquele que determina as coisas com muita energia.

12 Rês para carne.

13 Aquele que é responsável pela ranchada ervateira; é o arrendatário de uma determinada zona de erval.

14 Monte de galhos de ervas que podiam pesar de 150 a 250 quilos.

15 Gritar, cantar enquanto trabalha.

dignidade e resi... resi... resignação... Quase que num sai... Ahahahah...

TUCANO DO ERON - A genti num tem escolha... Ou encara a vida de forma positiva ou negativa...

ERVATEIRO - Acontece que o brogodó podi piorá... O che patron parece que quer um cristo prá amendrotá o pessoár que anda descontenti com a assistência e ancim acabá com a chiadeira que num é pouca... Podi inté de sê da morti vir tirar onda por aqui... Quer fazê mais covardia com noizê e inté já teria contratado um carrasco... Ele qué inté diminuí o tempo pro tereré... Tá de traquinagem... O che patron não aceita acordo, nem diálogo... Qué trapaçaíá...<sup>16</sup>

SERIEMA - Mas eu num entendeu... O habilitado anterior num era ancim um santo, mas fez coisas boas pra genti... Inté ergueu uma carranca no meio da ranchada prá exaltá o peão do ervá... Feia que dói, mas ninguém é perfeito... Os piãos gostaram e dizem que assusta os maus espritos... Pelo menos reconheceu o trabaio medonho nos ervais...

TUCANO DO ERON - Como são as coisas... A rogância e a consciência quase nunca andam lado a lado... O novo che patron realmente num aceita a crítica de boa fé... Vamu bebê porque são ossos do etílico... (E toma mais um gole).

ERVATEIRO - O novo che patron estaria invejoso... Teme que o outro habilitado vorti pra leva o povo embora e fazê firula política...

SERIEMA - Inveja de homi é pió que de cunhã<sup>17</sup>, com certeza... Há um veio ditado: "faça o que faizê por um tempão e num terá mais alma pra sê sarva"...

TUCANO DO ERON - A genti precisa memô tomá cuidado com a rogância, a ambição, o ergóismo e a impursividade dos outros lógico, as nossas a genti num conta, a genti consegue domar... É um perigo... Acho que aqui ninguém tem planos de morrê hoji...

---

<sup>16</sup> Fazer trapaça.

<sup>17</sup> Mulher

SERIEMA - Se o che patron tá com dor-di-cotovelo intão é um pobre inocente, um coitado... A traição está na natureza humana... O que o homem faizê de ruim aqui, aqui ele recebi em drobo... Inda bem que eu sou ave bem comportadinha...

#### **CENA IV**

Entra o Anta, tipo abestalhado, vestindo macacão cinza, de gorro, com aparência de vilão e imoral, com um machete - facão - na cintura e uma lapiana.<sup>18</sup> Apesar de sujeito ruim, é um velho conhecido do Ervateiro e guardam segredinhos entre si. Tem voz fina.

ANTA - Argum entrevero por cá? Quár motivo da tristeza?

ERVATEIRO - Eguapina!<sup>19</sup> E toma um gole de canha... Tomou chá de sumiço?

ANTA (Dando um sorriso amarelo) - Qui nada, tou pros ervais carregando raídos... Ocês ouviram as fofocas de que o che patron quer um bode expiatório pra apaga a fogueira da rebeldia de uns poucos dentro da ranchada?... O fantasma negro do infortúnio ronda por aí...

SERIEMA - Tamu desconfiado... Mas o que é um bode expiatório? É um bode que fica espiando a genti tomando banho? Ahahaha...

ERVATEIRO - Deixa de sê besta... Tú é ave e não animár de pêlo curto...

ANTA - Dizem que tem um tár aí que vem fazendo pulítica do contra num sabe? Tá instigando o povo da ranchada...

ERVATEIRO - Tarvez noizê tamus numa rota de colisão, não sabemos e nada pudemos fazê... (Batendo as mãos fechadas).

TUCANO DO ERON - Ocês sabem que safadice pulítica sempre se paga com outra safadice, num tem desavergonhado que perdoa desavergonhado... Mas o fraco sempre tá em desvantagem... A canha começou a subi... Ic (solução)...

---

18 Faca afiada.

19 Senta-se

ERVATEIRO - A covardia anda escondida da genti... Será que a vida é só trabaio pesado? Trabaio e mais trabaio? Assim eu fico desanimado pro jeroki ou chego lá com esprito pra entrevero... O lugar anda muito sombrio... Tô vespado...<sup>20</sup>

SERIEMA - É... A genti nunca sabe ao certo onde o destino levará... Nunca sabemos onde se esconde uma petein coatiara...<sup>21</sup> Espero que num corra sangue de inocente...

TUCANO DO ERON - Acho que noizê num tem que fica esquentando a cabeça... O che patron, essas ameaças aí, esses pulíticus marvados não vão mi aborrece... Hoje vamu festá e se embebedá...

SERIEMA - Às vezes eu num sei o que dizê... Às vezes me sinto sozinha como um repolho no milharal em meio a essa moagem toda...

ERVATEIRO - O perigo só faizê cresce a minha sede por justiça... Eu num tenho planos de morrê hoji... Tenho que viver pra contá a minha própria estória... Quem sabi um dia tenham orgulho verdadeiro de mim e do trabaio de noizê todos, ervateiros, mineiros, piões destes ervais, los muy guapos...<sup>22</sup>

TUCANO DO ERON - Vivemô o tempo da ética perdida...

ANTA - Não se escondi coisas por muito tempo debaixo dos pés de erva-mate...

ERVATEIRO - Temu que fica ticaiatento...<sup>23</sup>

## **CENA V**

Saem do palco a Seriema e o Tucano do Eron dizendo que já vão pro jeroki...

ERVATEIRO - Vamu proveita que só ficou noizê dois e brinca um pouco?

ANTA - Será?... Num é meio arriscado por cá não? Se ficam sabendo do nosso segredinho...

---

20 Enraivecido; agressivo como uma vespa.

21 Cobra.

22 Homens galanteadores, fortes e bonitos.

23 Atento a tocaia.

ERVATEIRO - Qui nada, é aqui que os segredos se escondem...  
Num tem ninguém vendo...

ANTA - Então vamos dá um pulico...

A guarania pára de tocar ao fundo. Uma música mais alegre é entoada. O Anta sobe nas costas do Ervateiro e este começa a pular e a dizer “upa cavalinho”... Dali a pouco o Ervateiro cansa e sobe em cima das costas do Anta... E ficam naquela brincadeira esquisita por algum tempo... De repente, sem mais nem menos, ao pio forte de uma coruja, acontece a tragédia... O Anta saca de sua lampina e passa a golpear o Ervateiro que grita, em vão, desesperadamente por socorro... O Anta golpeia até que mata o Ervateiro e, usando o machete, corta-lhe os pés na altura da canela e leva-os como troféu sombrio de um criminoso com mente doentia... Olha para a platéia e diz “inda bem que ninguém viu” e foge... O corpo, banhado em sangue, fica no palco e com isso fecham-se as cortinas...

## **ATO SEGUNDO**

Abrem-se as cortinas e entram cabisbaixos, de luto, a Seriema e o Tucano do Eron que se sentam em um banco de madeira. Tomam tereré.

SERIEMA - Mas que barbaridade que cometeram com o Ervateiro... Mataram o homem e inda cortaram os pés... Quem teria coragem de fazer uma maldade ancim?... Estou horrorizada, em choque...

TUCANO DO ERON - A genti não devia ter deixado ele sozinho ontem à noite... Eu nunca fui com a cara daquele Anta... Ele sempre foi demoniado... Era conhecido do Ervateiro, mas só arruma confusão e vive bajulando o che patron... Compensa a preguiça no trabaio dedurando os piões e fazendo papel de leva e traz... Um traste...

SERIEMA - Mas eu também tou admirada com uma coisa... Será verdade verdadeira que tão falando pela ranchada que o Ervateiro era filho da lua? Será que esse crime foi passionár? Esse assunto é proibido fala perto das crianças...

TUCANO DO ERON - Filho da lua? Num entendi...

SERIEMA - Oras! Do terceiro sexo...

TUCANO DO ERON - Terceiro sexo?

SERIEMA - É... Gay seu abestado!

TUCANO DO ERON - A tá! Não sabo-lho... Será intão que o Ervateiro era enrabichado com alguém e houve desentendimento? Esse comportamento não é comum aqui na ranchada... Crime passionár ou pulítico?...

SERIEMA - O Ervateiro tão forte, tão seguro de si, bem pulitizado e defensor do trabaiadô, não tinha vocação à vadiação... Amigo da genti... Sincero com ele memo, não era farso com ninguém... Mas devia tê, lógico, seus segredos... Todos têm...

TUCANO DO ERON - Quem sabe tenha mais genti sapecando o zoinho de porco nesta ranchada... Mais fius da lua...

SERIEMA - Será então que o che patron também é gay? Ele tem a vozê bem fina, assim como o Anta... Má será que isso tem a vê?

TUCANO DO ERON - Tá aí uma coisa que talvez nós nunca vamu sabê direito... Só podemo ficá na desconfiança...

SERIEMA - Noizê num tem nada a ver com isso... O mundo é do terceiro sexo memô, tá fora do eixo... Deixa o povo sapear a vontade... Vamu fica fora disso sinão sobra pra noizê... Quem mata um, mata dois... Dizem que é melhor ser julgado por seis do que carregado por doze...

TUCANO DO ERON - De um jeito ou de outro o Ervateiro num merecia ser morto... Gay ou não, era nosso amigo do peito, era decente... Os assassinos carecem punição com fogo e sofrer a mais horrível emoção: a culpa!

SERIEMA - O rico costuma usar dinheiro pra alcançá seus propósitos malditos e esse crime pode ser a mando de arguém e nunca vamu sabê ao certo neste sertão de injustiças... Podemos saber o que somos, não o que podemos ser...

TUCANO DO ERON - O Ervateiro sempre viverá em nossa mente... Ficamos nós pra conta a história dele...

SERIEMA - Aqui a vingança não costuma encontrá obstáculos...

A morte sempre foi implacável... Ma que már o Ervateiro podia tê feito pra merece fim tão horríver? Ser filho da lua não deve se o motivo, nem ser revolucionário... Ou pode?

TUCANO DO ERON - Que os anjos o protejam no sono eterno...

SERIEMA - Nesta ranchada cantarolar é tão fácil como mentir...

TUCANO DO ERON - Tár crime monstruoso e infame revela o que os pulíticos são capazes, como alguns têm gênio maldito... A vida não vale uma agulha... Homens indignos...

SERIEMA - Mas nada compensa mau renome em vida... Esses homens estão manchados pela má fama...

TUCANO DO ERON - Dizem que com a morte, o sono, acaba o pesar da mente, do coração e conflitos...

Nisso passa correndo nos fundos do palco o Fantasma do Ervateiro (com lençol branco sobre o corpo e abertura apenas nos olhos e nariz) atrás do Anta. Passa de volta o Fantasma nas costas do Anta e passa mais uma vez o Anta montado no Fantasma. A Seriema e o Tucano do Eron não notam a movimentação.

SERIEMA - Isso me fez lembrar a lenda do Boicará... O Ervateiro vai vive pra posteridade memô que outros assassinos tentem sangrá sua história...

TUCANO DO ERON - Conta i a lenda...

SERIEMA - Boicará estava morrendo, avista uma estrela no céu e o calô do brilho dessa estrela reanimou ele, devolvendo a vida... Mas a estrela disse: "O Deus menino, Sarvador do mundo, estava pra chegar e abençoaria matas, águas, ventos, campos, os animárs e aldeas"... Boicará então pediu pra o filho de Deus não deixa que os seus irmãos morressem de forma violenta e sofressem porque trabaiavam duro, enriqueciam as fazendas... Desde intão todo homem que mata de forma violenta Boicará acaba endoidecendo ou perde a vida...

TUCANO DO ERON - Intão ele deve ter endoidecido mais uma veizê...

SERIEMA - O crime contra o Ervateiro revoltou o povo da ranchada, embora tenha genti que nem deu bola... Os

revortados estão a fim de lagartear por três dias em luto e isso vai compromete a produção da erva-mate...

TUCANO DO ERON - Tem muito nhenhennem.<sup>24</sup> O che patron deve está com a purga atrás da oreia... Ele diz que num tem nada a vê com esse crime, que tinha lá suas diferenças pulíticas com o Ervateiro, mas não a ponto de mandar acabar com a vida dele...

SERIEMA - Vai sabê!... Fica tudo o dito pelo não dito... Num tem testemunha... Nem se sabe se foi o Anta memô que cometeu tár atrocidade...

TUCANO DO ERON - É um ati guassu de vermes pulíticos...

SERIEMA - Os guardas estão vindo pra investigá... Mas eles são dóceis com quem tem dinheiro...

TUCANO DO ERON - Sê honrado é um entre milhares...

SERIEMA - O Ervateiro vai se encontra com seus inimigos no além...

TUCANO DO ERON - Que o tempo pertença a ele, pois, quem vive um dia morrerá...

SERIEMA - Vamos mantê o luto... A razão vive lurtando com a natureza com um olhar risonho e outro em choro...

TUCANO DO ERON - Tu tá sensíver heim Seriema? Diria até inspirada...

SERIEMA - É que a dor e a revórta não deixam meu pensamento e meu coração em paz...

TUCANO DO ERON - A alma do Ervateiro não vai ficá disistraviáda.<sup>25</sup>

Passa mais uma vez o Fantasma do Ervateiro correndo atrás do Anta atrás do palco e voltando com um sobre as costas do outro e mais uma vez se revezam na posição. Fecham-se as cortinas.

### **TERCEIRO ATO**

Abrem-se as cortinas e aparecem sentados no mesmo banco conversando o Anta e o Fantasma do Ervateiro.

---

24 Mexerico, falatório maldoso contra alguém.

25 O que ficou extraviado, perdido.

FANTASMA DO ERVATEIRO - Seu verme inútil! (dando um empurrão no Anta)... Precisava me matar! O que eu fiz para merecê tão triste fim?... Eu sempre fui sincero com ocê... Por que cortar os meus pés? Queria me ver rastejando em outra vida?

ANTA - Eu nem sei o que dizer direito... Nunca creditei em mostrengos da terra e nem de outro mundo e acabei sendo perseguido por ocê... Estou doente da cabeça! (Põe as mãos na cabeça como se estivesse assustado e desesperado)...

FANTASMA DO ERVATEIRO - Não vô largá do seu pé enquanto não vir comigo... Vô assombrar seus sonhos...

ANTA - Mas eu fiz isso por ciúmes e dinheiro! Ocê e o che patron faziam de conta que tinham rusga pulítica, mas se encontravam às escondidas nas arboledas...<sup>26</sup> E depois inda vinha trotiá comigo... O che patron me pagou pra dá um susto apenas, para faze você desisti desse papo de iguardade, minorias, mais ajuda pra piãzada... Mas o capetinha do ciúme e do dinheiro me tomou a ideia...

FANTASMA DO ERVATEIRO - A intenção faz o karma; o dinheiro sobrou procê se iludi com alguma coisa... Ocê não passa de um verme, produto da natureza grossera e com gostio de fel... A minha conduta em terra foi justa, a minha opção sexual não deve ser motivo de mexerico de ninguém...

ANTA - Eu sei que sou bisca, mas se arrependimento matasse... Ainda bem que não mata... Pensei em toma veneno... Ocê tá no céu, mas eu tou no inferno terrestre e os guardas estão na minha captura...

FANTASMA DO ERVATEIRO - Não sinto mais dores, apenas vontade de me vingar de ocê... E um fantasma vingador é um grude... A sua vida está desgraçada... Ocê vai pagá em vida o fogo do inferno!...

ANTA - Me perdoa... Não sei o que faze!... (Ajoelha-se e passa a chorar copiosamente).

---

26 Pés de erva-mate bem formado e idoso.

FANTASMA DO ERVATEIRO - Quem perdoa é Deus... Sou luz radiante, pura e intensa, tranquila e com todo tempo do mundo pra assombrá a sua consciência...

ANTA - Tô com alucinações, não tenho coragem de usá a lampina contra mim... Aproveitando o bate-papo informár, o diabo tem mesmo chifres, rabo e cheira enxofre?

FANTASMA DO ERVATEIRO - Não sei, estou no céu e não no inferno... Só sei que São Pedro é chato de galocha e tem anjo do pau oco de montão...

ANTA - O que eu vou fazê agora? O dinheiro não me agrada mais... O arrependimento vive me atormetando e inté o porco anda me mordendo... Quando passo bem à noite pra ninguém me vê na ranchada todos os cães ladram... Quero fugi, mas os caminhos estão cercados...

FANTASMA DO ERVATEIRO - É tua sina de agora em diante... Eu me dei muito mal, mas ocê se deu mais mal ainda... Ocê, por fora, uma bela viola, por dentro, pão bolorento...

ANTA - Estou fadigado... Seria prenúncio da morte? Seria a tumba? Vou para os vermes! Que horror! Ervateiro, a genti tinha um caso, mas eu disse que nunca ia me apaixonar... Mas eu me apaixonei... Afinal, os brutos também amam! Ao seu jeito, com truculência, mas amam!...

FANTASMA DO ERVATEIRO - Ocê terá meu perdão quando eu volta à vida! Agora só lhe resta beijar o veneno!... Quem trai e mata dizendo que agiu por amôr merece arder em brasa viva... Ocê é um tolo! De nada adianta derramar lágrimas! Ocê sim vai sentir o bafo do capeta... É mio ocê se entragá pros guardas e sofrer com a própria loucura antes do seu juízo finár...

ANTA - Eu vou gritar! Como fui estúpido, como fui burro... Era feliz mesmo com minhas tontices e besteiras e num sabia... (E grita como uma fera ferida). Eu me perdi na minha prudência... Tou com nojo... Joguei minha vida pros vermes e inda ancim uma paixão como nunca tive... Nenhuma outra alma é tão desgraçada... Achava que não tinha ciúme, mas tinha um ciúme doentio... Estou no fundo do abismo e não mereço perdão...

FANTASMA DO ERVATEIRO - Vou fazer uma exceção. Só perdoou numa condição!

ANTA - Qual? Diga, por favor?

FANTASMA DO ERVATEIRO - Oê virando pulítico honesto pra ajuda o povo... Mas ajuda de verdadi e não virá demagogo e continua enganando!...

ANTA - Uaaá! Mas aí num tem jeito!...

(Fecham-se as cortinas e elas se abrem novamente com a música "O Vira" do Secos e Molhados e os quatro dançando).

## **FIM**

### **Notas**

Vocabulário extraído das obras *Prosa Rude* e *O Tereré que me Inspira*, ambas de Hélio Serejo.

A lenda do "Boicará" consta no trabalho de Mestrado em Letras da UFGD da acadêmica Dayana Lopes Russo com o título *Hélio Serejo: A Fábula do Erval na Literatura Sul-Mato-Grossense*.



